

**UNIOESTE – UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ  
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON - PR  
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS - CCA  
PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM DESENVOLVIMENTO RURAL  
SUSTENTÁVEL**

MARA IRENE ENGELMANN

**O CONTEXTO AGROECOLÓGICO DOS AGRICULTORES FAMILIARES E SUAS  
PERCEPÇÕES NO NÚCLEO OESTE DO PARANÁ DA REDE ECOVIDA:  
PERSPECTIVAS, AVANÇOS E DESAFIOS.**

DISSERTAÇÃO

**MARECHAL CÂNDIDO RONDON-PARANÁ  
2018**

MARA IRENE ENGELMANN

**O CONTEXTO AGROECOLÓGICO DOS AGRICULTORES FAMILIARES E SUAS  
PERCEPÇÕES NO NÚCLEO OESTE DO PARANÁ DA REDE ECOVIDA:  
PERSPECTIVAS AVANÇOS E DESAFIOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável do Centro de Ciências Agrárias da Unoeste – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre em Desenvolvimento Rural Sustentável.

Orientador: Prof. Dr. Dirceu Basso

**MARECHAL CÂNDIDO RONDON- PARANÁ  
2018**

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Engelmann, Mara Irene

O contexto agroecológico dos agricultores familiares e suas percepções no Núcleo Oeste do Paraná da Rede Ecovida : Perspectivas, avanços e desafios / Mara Irene Engelmann; orientador(a), Dirceu Basso , 2018.

76 f.

Dissertação (mestrado), Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus Marechal Cândido Rondon, Centro de Ciências Agrárias, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável, 2018.

1. Agroecologia. 2. Agricultura familiar. 3. Mercados. I. , Dirceu Basso. II. Título.



**unioeste**

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Campus de Marechal Cândido Rondon - CNPJ 78680337/0003-46

Rua Pernambuco, 1777 - Centro - Cx. P. 91 - <http://www.unioeste.br>

Fone: (45) 3284-7878 - Fax: (45) 3284-7879 - CEP 85960-000

Marechal Cândido Rondon - PR.



**PARANÁ**

GOVERNO DO ESTADO

**Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável  
Mestrado e Doutorado**

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE **MARA IRENE ENGELMANN**, ALUNO(A) DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE, E DE ACORDO COM A RESOLUÇÃO DO PROGRAMA E O REGIMENTO GERAL DA UNIOESTE.

Ao(s) 30 dia(s) do mês de maio de 2018 às 14h00min, no(a) Unioeste - Campus de Foz do Iguaçu, realizou-se a sessão pública da Defesa de Dissertação do(a) candidato(a) Mara Irene Engelmann, aluno(a) do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável - nível de Mestrado, na área de concentração em Desenvolvimento Rural Sustentável. A comissão examinadora da Defesa Pública foi aprovada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável. Integraram a referida Comissão os(as) Professores(as) Doutores(as): Dirceu Basso, Clério Plein (videoconferência) e Exzolvildres Queiroz Neto. Os trabalhos foram presididos pelo(a) Dirceu Basso, orientador(a) do(a) candidato(a). Tendo satisfeito todos os requisitos exigidos pela legislação em vigor, o(a) candidato(a) foi admitido(a) à Defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO, intitulada: " O CONTEXTO AGROECOLÓGICO DOS AGRICULTORES FAMILIARES E SUAS PERCEPÇÕES NO NÚCLEO OESTE DO PARANÁ DA REDE ECOVIDA: PERSPECTIVAS, AVANÇOS E DESAFIOS". O(a) Senhor(a) Presidente declarou abertos os trabalhos, e em seguida, convidou o(a) candidato(a) a discorrer, em linhas gerais, sobre o conteúdo da Dissertação. Feita a explanação, o(a) candidato(a) foi arguido(a) sucessivamente, pelos(as) professores(as) doutores(as): Clério Plein, Exzolvildres Queiroz Neto. Findas as arguições, o(a) Senhor(a) Presidente suspendeu os trabalhos da sessão pública, a fim de que, em sessão secreta, a Comissão expressasse o seu julgamento sobre a Dissertação. Efetuado o julgamento, o(a) candidato(a) foi **APROVADO(A)**. A seguir, o(a) Senhor(a) Presidente reabriu os trabalhos da sessão pública e deu conhecimento do resultado. E, para constar, o(a) Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE - Campus de Marechal Cândido Rondon, lavra a presente ata, e assina juntamente com os membros da Comissão Examinadora e o(a) candidato(a).

Orientador(a) - Dirceu Basso

Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Unila)

Clério Plein

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Francisco Beltrão  
(UNIOESTE)



**unioeste**

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Campus de Marechal Cândido Rondon - CNPJ 78680337/0003-46  
Rua Pernambuco, 1777 - Centro - Cx. P. 91 - <http://www.unioeste.br>  
Fone: (45) 3284-7878 - Fax: (45) 3284-7879 - CEP 85960-000  
Marechal Cândido Rondon - PR.



**Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável  
Mestrado e Doutorado**

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE Mestrado DE **MARA IRENE ENGELMANN**, ALUNO(A) DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE, E DE ACORDO COM A RESOLUÇÃO DO PROGRAMA E O REGIMENTO GERAL DA UNIOESTE.

Exzolvildres Queiroz Neto

Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Unila)

Mara Irene Engelmann  
Candidato(a)

Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural  
Sustentável

Aos meus pais Hélio e Leni M<sup>a</sup> Engelmann, os que me guiaram desde meu primeiro passo e que sempre estiveram do meu lado torcendo pela minha felicidade. Dedico também ao meu querido esposo, amigo e companheiro de todas as horas, Carlos da Silva Gonçalves.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente à Deus, Àquele, cuja mão lapidou a natureza em sua perfeita magnitude!

Aos meus pais Hélio Engelmann e Leni Maria Engelmann por terem me dado a vida.

Ao meu companheiro Carlos da Silva Gonçalves por sempre me incentivar aos estudos.

Aos meus colegas de mestrado pelas horas de riso e de descontração mesmo em momentos em que a caminhada se faz difícil.

Meu sincero agradecimento também aos técnicos Marco Billo, Cristiane Cavilhão que auxiliaram na pesquisa. Da mesma forma, ao grupo da Ecovida de Foz do Iguaçu, Ecolguaçu, os quais aceitaram que eu participasse das reuniões mensais. As caronas da professora Ana, que possibilitaram minha ida até as reuniões. Gratidão “profe” Ana, docente da Unila.

O meu muito obrigada aos agricultores que fazem parte do Núcleo Oeste do Paraná da Rede Ecovida de Agroecologia, pois, sem eles, a pesquisa tampouco se realizaria. Estes são a base e o fundamento desse estudo. Em especial a Lourdes Moraes residente no interior de Toledo, onde eu fui muito bem recebida e, com hospitalidade, pude passar uns dias para avançar na pesquisa.

As minhas colegas e amigas de todas as horas, Renata Brasileiro Franco, Brígida Laura Choqueuanca e Iza Galdino que me ajudaram quando precisei de um “canto” para descansar! Gratidão eterna meninas!!!

As idas e vindas na casa dos meus pais...muito obrigada por me acolher e por serem meu porto seguro, minha referência e minha fonte de ânimo.

Em especial ao meu professor e orientador, Dirceu Basso pela confiança e orientação, pois sem ele não seria possível o avanço na pesquisa. Também aos professores do Programa de Pós-Graduação do Mestrado em Desenvolvimento Rural Sustentável de Marechal Cândido Rondon-PR.

“Por vezes sentimos que aquilo que fazemos não é senão uma gota de água no mar. Mas o mar seria menor se lhe faltasse uma gota” (Madre Teresa de Calcutá).



## **BIOGRAFIA**

Nascida no dia 09 de maio de 1986, na cidade de Pato Bragado- PR, sou filha de agricultores cujas raízes descendem de alemães. Meus pais, também filhos de agricultores provindo do Estado do Rio Grande do Sul.

Meus primeiros contatos com o aprendizado escolar foram na escolinha rural de Linha Divisa na cidade de Entre Rios do Oeste - PR. Foi no ambiente rural dessa mesma localidade que vivi por 25 anos. Durante o ano de 2006 até o ano de 2009 fiz o curso de magistério pelo CNEC, ainda na mesma cidade, estando apta, portanto, para lecionar para o ensino dos anos iniciais e fundamental. Posteriormente, no ano de 2012, ao ingressar na graduação de Desenvolvimento Rural e Segurança Alimentar da Unila (Universidade Federal da Integração Latino Americana), localizada em Foz do Iguaçu - PR, me mudei para essa cidade onde estou morando atualmente.

Estando graduada então, no curso de desenvolvimento rural, logo me despertou interesse no Mestrado na área de Desenvolvimento Rural Sustentável oferecido pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná no Campus de Marechal Cândido Rondon- Paraná. Dessa forma, fiz a inscrição no programa e ingressei. Estando hoje nos momentos finais do curso.

## RESUMO

ENGELMANN, Mara Irene, Mestranda em Desenvolvimento Rural Sustentável, Unioeste – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Agosto – 2018. **O Contexto Agroecológico dos Agricultores Familiares e suas Percepções no Núcleo Oeste do Paraná da Rede Ecovida: Perspectivas, Avanços e Desafios.** Orientador: Prof. Dr Dirceu Basso.

O debate sobre sustentabilidade e formas mais sustentáveis de lidar com o meio em que vivemos têm permeado com relevante importância no meio rural. Relativo a esse tema, a presente dissertação traz uma abordagem referente a dinâmica de produção agroecológica dos agricultores membros do Núcleo Oeste do Paraná da Rede Ecovida de Agroecologia. Por meio do método da observação participante e da aplicação de questionário em entrevista obteve-se os dados, possibilitando fazer a posterior análise dos mesmos. De acordo com as percepções dos agricultores, foi possível analisar importantes aspectos relativos a como está a produção agroecológica e a agroecologia em si, na região estudada. Os resultados obtidos mostram um cenário agroecológico em lento crescimento e que enfrenta alguns obstáculos, tendo por desafio superar problemas, como a falta de mão de obra, a sucessão familiar, a falta de tecnologias adequadas, o apoio financeiro, o acesso à insumos agroecológicos, bem como a baixa organização dos agricultores no acesso aos mercados. Os agricultores encontram perspectivas de avanço no apoio técnico de organizações não governamentais como a Biolabore e também, o importante apoio da Itaipu Binacional, cuja hidrelétrica é referência no incentivo de práticas sustentáveis e, vem fazendo um relevante trabalho com os produtores rurais da região oeste do Paraná, promovendo o fortalecimento da Agricultura Familiar não convencional. Frente ao recente e progressivo discurso da sustentabilidade, verifica-se que o trabalho dos agricultores agroecológicos se torna importante e de grande pertinência para parte da sociedade que almeja um crescimento rural com outra perspectiva de desenvolvimento, a do desenvolvimento sustentável.

**Palavras-chave:** Agroecologia. Produção Agroecológica. Agricultura Familiar. Rede Ecovida.

## ABSTRACT

ENGELMANN, Mara Irene, mestranda em Desenvolvimento Rural Sustentável, Unioeste – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, August – 2018 **The agroecological context of family farmers and their perceptions in the west Nucleus of Paraná of the Ecovida Network: perspectives for advances and challenges.** Mastermind: Prof. Dr. Dirceu Basso.

The debate on sustainability and more sustainable ways of dealing with the environment in which we live have permeated with relevant importance in the rural environment. Regarding this theme, the present dissertation presents an approach regarding the dynamics of agroecological production of the farmers members of the West Center of Paraná of the Ecovida Network of Agroecology. Through the method of participant observation and the application of a questionnaire in an interview, the data were obtained, making possible the subsequent analysis of the same. Through the farmers' perceptions, it was possible to analyze important aspects related to the agroecological production and agroecology in the region studied. The results obtained show a growing agro-ecological scenario, which faces some obstacles, with the challenge of overcoming social problems, such as lack of labor, family succession, lack of adequate technologies, financial support, access to agro-ecological inputs, as well as the low organization of farmers in access to markets. Farmers find prospects for progress in the technical support of non-governmental organizations such as Biolabore and also the important support of Itaipu Binacional, which is a reference in encouraging sustainable practices and has been doing a relevant job with rural producers in the western region of Paraná, promoting the strengthening of non-conventional Family Agriculture. In the face of the recent and progressive discourse on sustainability, it is clear that the work of agroecological farmers becomes important and of great relevance for part of the society that seeks a rural with another development perspective, that of sustainable development.

**Keywords:** Agroecology. Agroecological Production. Family Farming. Ecovida Network.

## **LISTA DE SIGLAS**

CAPA - CENTRO DE APOIO A PROMOÇÃO DA AGROECOLOGIA

ERA - ENCONTRO REGIONAL DE AGROECOLOGIA

PAA - PROGRAMA DE AQUISIÇÃO DE ALIMENTOS

PNAE - PROGRAMA NACIONAL DE ALIMENTAÇÃO ESCOLAR

PRONAF - PROGRAMA DE FORTALECIMENTO DA AGRICULTURA FAMILIAR

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – MAPA ILUSTRATIVO DO OESTE DO PARANÁ-----	09
FIGURA 2 – GERAÇÃO DE CREDIBILIDADE DA REDE ECOVIDA-----	19
FIGURA 3 – FOTO DA REUNIÃO PARTICIPATIVA-----	43

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – NÚMERO DE AGRICULTORES ENTREVISTADOS-----	33
QUADRO 2 – TAMANHO DAS PROPRIEDADES DAS FAMÍLIAS-----	34

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>1</b>
1.1 PROBLEMA, HIPÓTESE E OBJETIVOS .....	3
1.1.1 Objetivo geral .....	4
1.1.2 Objetivos específicos.....	4
1.2 MÉTODO.....	5
1.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	5
1.4 A OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE .....	6
1.5 CONTEXTUALIZAÇÃO .....	7
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	<b>10</b>
2.1 AGROECOLOGIA E TERRITORIALIDADE: VALORIZANDO PRÁTICAS AGROECOLÓGICAS COM VISTA À UM DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL .....	10
2.2 A RACIONALIDADE NÃO CONVENCIONAL DA REDE ECOVIDA .....	10
2.3 O DEBATE DO DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL .....	12
2.4 A AGROECOLOGIA E A CERTIFICAÇÃO .....	16
2.5 MERCADOS NO CONTEXTO DA AGRICULTURA FAMILIAR .....	19
2.6 O PAPEL DOS CONSUMIDORES NA ALIMENTAÇÃO AGROECOLÓGICA, UM DESAFIO E UM SALTO DE QUALIDADE. ....	29
2.7 AS FEIRAS UM ELO DE PROXIMIDADE ENTRE CONSUMIDOR E PRODUTOR.....	31
<b>3 O PROCESSO AGROECOLÓGICO DOS AGRICULTORES FAMILIARES DO NÚCLEO OESTE DO PARANÁ DA ECOVIDA</b> .....	<b>32</b>
3.1 A DINÂMICA DOS SISTEMAS PRODUTIVOS DAS FAMÍLIAS MEMBROS DO NÚCLEO OESTE DA REDE ECOVIDA .....	32
3.2 PERCEPÇÕES DOS AGRICULTORES NO AMBIENTE AGROECOLÓGICO...37	
3.3 PERSPECTIVAS SOCIAIS: ORGANIZAÇÃO DOS GRUPOS (REUNIÕES), FUTURO DOS FILHOS, CAPACITAÇÃO E QUALIDADE DE VIDA.....	42
3.4 OS MERCADOS ACESSADOS PELAS FAMÍLIAS .....	45
3.5 OS CONSUMIDORES.....	50
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>53</b>

<b>5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>56</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>63</b>
ANEXO A.....	63
ANEXO B.....	68



## 1 INTRODUÇÃO

A presente dissertação compõe o estudo a cerca da produção agroecológica praticada pelos agricultores membros do Núcleo Oeste do Paraná da Rede Ecovida. Estabelecido na região Oeste, onde predomina a agricultura de racionalidade convencional, os agricultores agroecológicos desse núcleo são quase uma exceção perante esse modelo de agricultura, fazendo com que se questione o porquê praticam a agricultura em base agroecológica, portanto, uma racionalidade de produção não convencional.

A Rede Ecovida é referência de organização que contempla em suas práticas princípios da produção agroecológica e, que por sua vez, valoriza o consumo de alimentos produzidos localmente. Meirelles (2004, p.13) destaca que os membros da Rede “têm buscado privilegiar os mercados locais para o escoamento de sua produção”. Segundo Darolt (2013, p. 148), “no Brasil, a maioria dos produtores de base ecológica com bons resultados de comercialização em circuitos curtos tem utilizado pelo menos dois canais de venda (feiras e programas de governo)”.

A Ecovida está dividida por núcleos na região sul do Brasil e, possui características particulares na construção e na contribuição do desenvolvimento local em cada núcleo em que se estabelece. De acordo com Saquet (2015, p. 125) “a construção de lugares-territórios deve se dar valorizando as identidades, os movimentos sociais, os patrimônios históricos, o trabalho autônomo e coletivo, os espaços públicos, as paisagens, as pequenas cooperativas de trabalhadores e consumidores [...]”

As formas de produção sustentáveis as quais englobam a soberania alimentar, a agroecologia, bem como a consequente valorização de produtos locais estão cada vez mais sendo reivindicadas por agricultores familiares, consumidores e apoiadas por políticas públicas, pois acabam garantindo alimento mais saudável à população, bem como respeitam e preservam o meio ambiente (MEIRELLES, 2004). Para que haja uma conquista e um reforço da idealização dessas reivindicações, esses atores sociais, “interagem com organizações cuja natureza está correlacionada com seu projeto de produção, com sua racionalidade produtiva, num

processo cultural de ação social visando à reapropriação da economia a partir de valores próprios” (PORTILHO, 2009 apud BASSO e GEHLEN 2015, p. 30).

Tendo em vista a forma de produção e comercialização dos integrantes da Rede, a dissertação traz elementos teóricos para compreender a importância desta iniciativa frente à sustentabilidade no território, nas dimensões socioambientais, bem como na sociabilidade do mercado a partir de condutas orientadas pela racionalidade não convencional (BASSO e GEHLEN, 2015). Segundo Sepulcri e Trento (2010), os mercados locais resultam estratégicos para os agricultores familiares, pois essa parcela importante da categoria social, não obstante, são menosprezados no processo de comercialização, em particular no mercado de commodities. A presente abordagem, portanto, trata do mercado de proximidade, ou melhor, do mercado alternativo, agroecológico com prevalência de venda local.

De acordo com Engelmann (2015, p. 9), “a Rede Ecovida reflete uma dinâmica importante tanto na autonomia individual e, na construção de projetos de vida dos indivíduos, quanto na construção de um projeto coletivo e que não se limitam a questões econômicas, o que difere a rede em todo seu contexto”. Segundo Basso e Gehlen (2015, p.29), “os agricultores não convencionais mantêm vínculos enraizados territorialmente, sustentados por questões de confiança e inseridos em redes sociais”. Ainda de acordo com Basso e Gehlen (2015, p. 29-30) esses agricultores “estabelecem vínculos com mais de uma rede social para comercializar seus produtos. Desse modo, ampliam as condições com vistas à sustentabilidade socioeconômica”. Referente ao mercado em que a Rede Ecovida estabelece seu vínculo, Wilkinson (2008, p.93), aborda sobre a noção de rede de Granovetter, o qual se refere a redes sociais com a noção de construção social, “onde o tipo de rede social é correlacionado com a forma de funcionamento do mercado”.

Os princípios agroecológicos que os integrantes da Rede têm inserido nas condutas de suas práticas na produção agrícola, contribuem para fortalecer a sustentabilidade local e por sua vez acabam sendo referência num debate mais aprofundado sobre o desenvolvimento sustentável. Para Magnaghi (2009, p. 291) “um desenvolvimento local autossustentável, fundado no reconhecimento e valorização das identidades dos lugares deve, antes de mais nada, ser um desenvolvimento da sociedade local [...]” (MAGNAGHI, 2009 apud Saquet 2015, p. 121).

Tendo em vista a abordagem sobre agroecologia, faz-se necessário também, estender ao consumidor sua importante participação dentro desse contexto, na luta por uma produção de alimentos mais saudáveis. Portilho et. al. (2011) lembra que, o campo político regula as políticas de distribuição e nutrição, produção alimentar, por meio da percepção de escolhas de consumo. A mesma autora ainda menciona que, a relação que se estabelece entre o consumo e a política está presente nos discursos de movimentos sociais, nas ideologias com objetivo de solucionar “problemas sociais e ambientais, práticas de consumo responsável, consciente, ético ou sustentável”.

Durante a construção dessa dissertação elaborou-se uma problemática que leva em conta a tentativa de responder questões relacionadas ao movimento de produção agroecológica, tendo em vista a importância da mesma no atual debate da sustentabilidade, a qual inclui segundo Sachs (2002) a dimensão ambiental, ecológica, social, econômica, cultural, territorial, política nacional e internacional.

A pesquisa de coleta de dados necessária para a elaboração da dissertação, contou com a metodologia da observação participante, bem como revisão bibliográfica e entrevistas, tendo como guia a aplicação de questionário semi estruturado.

A elaboração da dissertação, portanto, compõe elementos teóricos cujas leituras, tratam de abordar e reforçar sobre temas como, a Agricultura Familiar não Convencional (racionalidade agroecológica), os mercados da Agricultura Familiar, certificação da Rede Ecovida e os consumidores. Encontra-se dividida da seguinte forma: Introdução, problema, hipóteses, objetivos e contextualização compondo o capítulo 1. Já o capítulo 2, irá tratar sobre a agroecologia e territorialidade: valorizando práticas agroecológicas com vista à um desenvolvimento rural sustentável e, o capítulo 3, tratará sobre a análise de dados da presente pesquisa e, em seguida, as considerações finais.

## 1.1 PROBLEMA, HIPÓTESE E OBJETIVOS

O problema central da pesquisa corresponde a seguinte pergunta: Quais seriam os fatores que estão influenciando a dinâmica da produção de base agroecológica dos agricultores do Núcleo Oeste do Paraná da Rede Ecovida?

A pesquisa realizada busca compreender quais seriam os fatores que estariam influenciando na dinâmica de produção da experiência vivenciada pelos agricultores agroecológicos do Núcleo Oeste do Paraná da Ecovida. As dimensões estudadas, incluem os canais de comercialização, as tecnologias utilizadas nos sistemas de produção, as questões sociais e os consumidores.

Tendo em vista a problemática lançada, a mesma leva em conta a tentativa de responder questões relacionadas a produção agroecológica, dada a importância da mesma no atual debate da sustentabilidade, a qual inclui segundo Sachs (2002) a dimensão ambiental, ecológica, social, econômica, cultural, territorial, política nacional e internacional.

Portanto, busca-se compreender os desafios e as perspectivas do processo agroecológico objetivando seu fortalecimento, tendo em vista sua importância para os agricultores familiares e consumidores conscientes, bem como para o desenvolvimento rural sustentável. Ao avaliar o processo agroecológico dos agricultores do Núcleo, surge uma determinada hipótese, cuja, pode estar relacionada nas questões do desenvolvimento da agroecologia na sociedade. Portanto, destaca-se a seguinte hipótese:

Os fatores, como a pouca mão de obra no estabelecimento familiar, a baixa oferta de tecnologias agroecológicas, a presença dos agrotóxicos nas propriedades vizinhas, as dificuldades na comercialização dos produtos, a baixa procura e mobilização dos consumidores, impedem ou criam obstáculos para o avanço da produção agroecológica.

### **1.1.1 Objetivo geral**

Compreender, a partir das percepções, a dinâmica de produção agroecológica dos agricultores familiares membros do Núcleo Oeste do Paraná da Ecovida.

### **1.1.2 Objetivos específicos**

a) Identificar o funcionamento do sistema produtivo agroecológico dos membros do Núcleo Oeste da Rede.

- b) Avaliar as percepções dos agricultores no ambiente agroecológico em relação à qualidade de vida, a saúde e o futuro dos filhos.
- c) Buscar entender as opiniões dos consumidores enquanto o consumo de uma alimentação saudável proveniente de um contexto agroecológico.

## 1.2 MÉTODO

As questões de pesquisa que norteiam esta dissertação, estão baseadas no estudo acerca das experiências dos agricultores com práticas agroecológicas que fazem parte da Rede Ecovida de Agroecologia do Núcleo Oeste do Paraná. A pesquisa contempla perguntas que visam responder sobre as dificuldades e as perspectivas da agroecologia nesta região. Assim, da mesma forma, buscou-se compreender as escolhas, condutas e modos de vida desses agricultores, orientados por uma prática produtiva que difere das práticas orientadas pela lógica da modernização conservadora da agricultura.

O estudo ainda inclui a análise do consumo alimentar dos consumidores agroecológicos, os quais também, possuem perspectivas diferenciadas nos aspectos relacionados a alimentação saudável.

Ao procurar compreender esse universo diferenciador tanto na parte produtiva quanto na parte do consumo, buscou-se por meio de leituras cujos autores, como Wilkinson, Schneider, Portilho, entre outros, auxiliam o entendimento da conduta desses agricultores e consumidores.

Por meio de contatos com as lideranças da Rede Ecovida, obteve-se o acesso e contatos dos agricultores que fazem parte da pesquisa.

## 1.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a construção da dissertação, buscou-se o levantamento bibliográfico em livros e de sites da web para o aprofundamento teórico das abordagens relacionadas à agricultura familiar de base ecológica, da agroecologia, do desenvolvimento sustentável, bem como dos mercados da agricultura familiar. Para a pesquisa de campo relacionada, portanto, a um estudo de caso, foi utilizado um questionário semi-estruturado para o roteiro de entrevistas feitas aos agricultores, pertencentes a

diferentes grupos, dentro do Núcleo Oeste do Paraná da Rede Ecovida. Dos agricultores entrevistados, 5 se localizam em Marechal Cândido Rondon, 5 em Toledo, 2 em Pato Bragado e 3 em Foz do Iguaçu. Referente ao estudo de caso Yin (2001, p. 19) destaca:

O estudo de caso é apenas uma das muitas maneiras de se fazer pesquisa em ciências sociais. Experimentos, levantamentos, pesquisas históricas e análise de informações em arquivos (como em estudos de economia) são alguns exemplos de outras maneiras de se realizar pesquisa. Cada estratégia apresenta vantagens e desvantagens próprias, dependendo basicamente de três condições: a) o tipo de questão da pesquisa; b) o controle que o pesquisador possui sobre os eventos comportamentais efetivos; c) o foco em fenômenos históricos, em oposição a fenômenos contemporâneos. Em geral, os estudos de caso representam a estratégia preferida quando se colocam questões do tipo "como" e "por que", quando o pesquisador tem pouco controle sobre os eventos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real. Pode-se complementar esses estudos de casos "explanatórios" com dois outros tipos - estudos "exploratórios" e "descritivos" (YIN, 2001, p. 19).

É importante mencionar que, a pesquisa realizada a partir de entrevistas, possibilita uma maior aproximação com os atores sociais envolvidos diretamente com a problemática, ou melhor, com o tema que se está pesquisando, dessa forma, obtendo-se a maior quantidade de informações possíveis.

#### 1.4 A OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

Na presente pesquisa de campo, utilizou-se também do método da observação participante, esse método já vem sendo utilizado pela pesquisadora desde o ano de 2015 quando da construção do Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharel em Desenvolvimento Rural e Segurança Alimentar da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, cujo já abordava sobre a produção agroecológica. A observação fora feita durante as reuniões mensais do grupo Ecolguaçu da Ecovida localizado na cidade de Foz do Iguaçu. Da mesma forma, com participação em palestras da Ecovida do Núcleo Oeste do Paraná, bem como no 9º Encontro Ampliado da Rede Ecovida, ocorrido na cidade de Marechal Cândido Rondon-PR, entre os dias 20 a 21 de abril de 2015 e no 8º Encontro Regional de Agroecologia realizado nos dias 30 e 31 de agosto de 2017 na cidade de Entre Rios do Oeste- PR.

Neste método o observador tende a se inserir de modo mais profundo no estudo em questão. Primeiro deve ser aceito pelo indivíduo ou grupo a ser avaliado, para que possa participar e conviver no mesmo espaço em que vive o observado. A observação participativa é um procedimento metodológico muito significativo para recolecção de dados que se pretende analisar. Para Bronislaw Malinowski, pai da observação participante... “observar e participar para entender é melhor do que simplesmente perguntar, as respostas vêm com o tempo, junto com a observação e a participação. O diário de campo, o gravador, a máquina fotográfica e a de filmar são acessórios que auxiliam na construção da pesquisa (COSTA, s/p, 2010).

A observação participante nos dá um aporte mais abrangente na pesquisa, devido ao contato maior com o ambiente em que está sendo estudado. É por meio da observação do grupo, do comportamento e dos seus objetivos que podemos fazer uma análise mais aprofundada e tirar conclusões do contexto pesquisado bem como da questão em estudo. Lembrando que a pesquisa em questão se enquadra em um estudo de caso.

## 1.5 CONTEXTUALIZAÇÃO

O Núcleo Oeste do Paraná da Rede Ecovida, o qual compõe o universo em estudo, está situado numa região composta por 50 municípios, cujos, possuem um modelo de agricultura predominantemente convencional, o que faz com que a pesquisa se torna mais importante, a fim de entender porque alguns agricultores optaram por seguir o modelo agroecológico. Desses 50 municípios, a sede do Núcleo Oeste do Paraná fica no CAPA (Centro de Apoio à Promoção da Agroecologia) no município de Marechal Cândido Rondon-PR. Alguns municípios se destacam em maior número de produtores certificados pela Ecovida nessa região e, o município sede entra nessa lista.

Ao tratar sobre desenvolvimento rural sustentável e sobre a Ecovida, o estudo dá ênfase, portanto, à parcela da agricultura familiar que optou por uma produção de alimentos saudáveis, ecológicos, sustentáveis e que prioriza o mercado local. Sobre isso, Niederle e Marques (2016, p. 276) destacam:

Esses grupos são a expressão de uma agricultura pós-produtivista e multifuncional, de um “rural com gente”, de um rural que abriga uma miríade de povos e comunidades cujas práticas socioculturais são agora revalorizadas, em virtude da contribuição que aferem à sustentabilidade, à preservação da sociobiodiversidade e à valorização de importante patrimônio imaterial. Um patrimônio que, em novos circuitos de produção e

consumo, torna-se um ativo fundamental para a dinamização de trajetórias inovadoras de desenvolvimento (NIEDERLE, MARQUES, 2016, p. 276).

Diante do exposto, Perez (2012, p. 40), lembra que “a Rede Ecovida é, muito provavelmente, a maior forma de expressão em favor da agroecologia na região Sul do Brasil na atualidade”. A Rede Ecovida possui valores bem definidos em sua política de ação, os quais orientam o comportamento dos indivíduos dentro de cada grupo distribuídos em cada Núcleo. Dessa forma, destacam-se os seguintes objetivos orientadores:

(i) desenvolver e multiplicar as iniciativas em agroecologia; (ii) estimular o trabalho associativo na produção e no consumo de produtos agroecológicos; (iii) articular e disponibilizar informações entre as organizações e pessoas; (iv) aproximar, de forma solidária, agricultores e consumidores; (v) estimular o intercâmbio, o resgate e a valorização do saber popular; (vi) ter uma marca e um selo que expressem o comprometimento (REDE ECOVIDA, 2000, s/p).

Não obstante, o Núcleo Oeste do Paraná aqui analisado, inclui esses objetivos acima mencionados, respeitando assim o que a Ecovida tem como princípios norteadores no interior de sua existência e formação. O Núcleo Oeste do Paraná dentro da Rede ainda é dividido por 19 grupos, ou seja, essa divisão ocorre pelo fato de que a Rede se estende ao longo dos municípios que compoem o mesmo. O Oeste do Paraná é composto pelos seguinte municípios: Anahy, Assis Chateaubriand, Boa Vista da Aparecida, Braganey, Cafelândia, Campo Bonito, Capitão Leônidas Marques, Cascavel, Catanduvas, Céu Azul, Corbélia, Diamante do Sul, Diamante do Oeste, Entre Rios do Oeste, Formosa do Oeste, Foz do Iguaçu, Guaíra, Guaraniaçu, Ibema, Iguatu, Iracema do Oeste, Itaipulândia, Jesuítas, Lindoeste, Marechal Cândido Rondon, Maripá, Matelândia, Medianeira, Mercedes, Missal, Nova Aurora, Nova Santa Rosa, Ouro Verde do Oeste, Palotina, Pato Bragado, Quatro Pontes, Ramilândia, Santa Helena, Santa Lúcia, Santa Tereza do Oeste, Santa Terezinha do Itaipu, São José das Palmeiras, São Miguel do Iguaçu, São Pedro do Iguaçu, Serranópolis do Iguaçu, Terra Roxa, Toledo, Três Barras do Paraná, Tupãssi e Vera Cruz do Oeste. Para identificar melhor a região em que o Núcleo abrange, segue a Figura 1:



**Figura 1 – Mapa ilustrativo do oeste do paraná**



**FONTE: Google Imagens (2018)**

Essa região compreende os municípios limdeiros do Lago de Itaipu e, como região de fronteira, “ao longo do tempo passou por mudanças e transforma es do espaço geográfico, as quais caracterizam o movimento da sociedade no processo de territorializa o-desterritorializa o-reterritorializa o (t-d-r)” (SOUZA, GEMELLI, 2012, p.20).

De acordo com Souza e Gemelli (2012, p. 25), a fronteira apresenta-se como espaço de complementariedade (na medida em que convivem numa mesma realidade diferentes territorialidades) e, ao mesmo tempo, espaço de diferen a es (visto que há uma seletividade espacial que tende a favorecer grupos dominantes)<sup>1</sup>.

Em rela o as características que marcam o contexto em geral, do Núcleo Oeste do Paraná aqui estudado,   a organiza o, a participa o e a intera o nas trocas de conhecimento entre os membros que são a estrutura da Rede. De acordo com Brandenburg (2012, p. 24), “a organiza o, sob a orienta o idéia de rede, não apresenta uma dire o central, mas grupos locais que se articulam horizontalmente”. Ao se tratar de Rede, torna fundamental mencionar que, os agricultores recebem apoio e incentivo da Itaipu Binacional e assistência técnica de órgãos não governamentais como a Biolabore localizada na cidade de Santa Helena-Paraná e do CAPA (Centro de Apoio da Promo o da Agroecologia).

Ao analisar a Rede Ecovida como espaço de amplia o do movimento agroecológico e sua contribui o nas questões socioambientais, Brandenburg (2012), assinala que, “trabalha-se com a hipótese que no interior do movimento ecológico, uma forma de fazer agricultura está ligada a um estilo de viver e de se

<sup>1</sup> Nesse contexto, podemos destacar sobre a tendência do agronegócio na região.

relacionar com o ambiente social e ambiental, ou seja, constrói-se um novo projeto socioambiental”. (BRANDENBURG, 2012, p. 25). Perez (2012, p. 41), discute que, “[...na noção de agroecologia adotada pela Rede Ecovida de Agroecologia pretende-se articular um projeto que possua um alcance maior e que não se restrinja somente a um projeto para a agricultura, mas que se torne um “projeto de sociedade”. Não obstante, a Ecovida é, segundo Perez-Cassarino (2012), uma das redes mais expressivas em favor da agroecologia da região sul do Brasil.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 AGROECOLOGIA E TERRITORIALIDADE: VALORIZANDO PRÁTICAS AGROECOLÓGICAS COM VISTA À UM DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL**

O presente capítulo tem como objetivo trazer uma abordagem referente as formas de produção dos agricultores membros da Ecovida e, conseqüentemente, sua contribuição para o desenvolvimento rural sustentável. Traz uma importante reflexão sobre as questões relacionadas ao papel do consumidor e sua influência nas mudanças de paradigma também, no campo da alimentação mais saudável. Se encontra dividido da seguinte forma: 2.1- A racionalidade não convencional da Rede Ecovida. 2.2- O debate sobre o desenvolvimento rural sustentável. 2.3- A agroecologia e a certificação. 2.4- Mercados no contexto da agricultura familiar. 2.5- O papel dos consumidores na alimentação agroecológica e, por fim 2.6 - As feiras, um elo de proximidade entre produtor e o consumidor. No decorrer também desse último tópico, são analisadas e discutidas as percepções dos consumidores referentes ao consumo de alimentos agroecológicos.

### **2.2 A RACIONALIDADE NÃO CONVENCIONAL DA REDE ECOVIDA**

Ao produzirem o alimento os produtores pertencentes a Rede procuram fazer uma agricultura a partir de valores dados por uma filosofia de vida orientada pela racionalidade não convencional (BASSO 2013, BASSO e GEHLEN, 2015). Apesar da pressão que o modo capitalista de produção, por meio da racionalidade

convencional<sup>2</sup>, exerce sobre as pessoas e a maneira em que estão distribuídos os regimes alimentares sob os territórios mundialmente, a Rede Ecovida possui a capacidade de se diferenciar de modo que faça valer seus princípios, resistindo a forma hegemônica de produção de alimentos (PEREZ-CASSARINO e FERREIRA, 2013).

Tendo em vista, portanto, esse modo de produção envolto de princípios agroecológicos que se enquadram à sustentabilidade no meio rural, esses atores sociais são construtores de uma autonomia a qual diz respeito à uma territorialidade diferenciadora dentro da sociedade. De acordo com Saquet (2015, p.100), “a territorialidade assume o caráter de mobilização, organização e luta política a favor de um desenvolvimento mais equitativo, em uma “espécie de quinto” nível de efetivação no real e mediação condicionante da cooperação para o desenvolvimento”.

Em relação a sustentabilidade incluindo a estabilidade, a resiliência e a equidade Veiga (1996, p. 395) afirma que “a agricultura familiar pode apresentar vantagens em se tratando desse tema, pois é por meio da diversificação e de sua versatilidade que alcança os aspectos sustentáveis, se opondo dessa forma da agricultura patronal a qual está cada vez mais fragmentada”. Diante disso Basso e Gehlen (2015, p. 23) também ressaltam que, “o desenvolvimento rural é tributário da diversidade das racionalidades dos agricultores pelas quais conseguem viabilizar as condições de vida e de produção para garantir sua identidade socioprofissional e sua sustentabilidade socioeconômica”. Para Buainaim (2006, p. 43) “a diferenciação dos agricultores familiares está associada à própria formação dos grupos ao longo da história, a heranças culturais variadas, à experiência profissional e de vida particulares, ao acesso e à disponibilidade diferenciada de um conjunto de fatores, entre os quais os recursos naturais, o capital humano, o capital social...”. Lamarche (1993, p. 14), destaca que “a agricultura familiar não é um elemento da diversidade, mas contém nela mesma toda a diversidade”.

Para além da diferenciação no modo de viver no meio rural e de produzir alimentos pelos integrantes da Rede, surge também a importante participação dos consumidores nesse processo. De acordo com Portilho (2009, p. 214) “o relativo crescimento da liberdade de escolha dos consumidores é conectado a uma busca

---

<sup>2</sup> Ver também BASSO E GEHLEN 2015.

pela emancipação, identidade pessoal e autonomia na esfera privada, apontando para novas formas de ação política”.

Em relação ao desenvolvimento territorial, relacionando as questões ambientais, Saquet (2015, p. 119) destaca que:

O desenvolvimento implica sempre a atuação de sujeitos locais em processos interativos, que podem inovar sem destruir o patrimônio histórico e sem degradar o ambiente, que podem administrar em forma autônoma o lugar sem ignorar as relações e redes extra locais, em uma concepção prospectiva para a gestão cooparticipativa do desenvolvimento que valorize as especificidades de cada lugar-território, tanto econômicas como políticas, culturais e ambientais (SAQUET, 2015, p. 119).

Diante do mencionado, observa-se que a dinâmica dos integrantes da Rede Ecovida se enquadra nessas características de valorização local, de respeito ao ambiente e da autonomia por uma produção sustentável. Para Saquet (2015, p. 117) “a relação territorialidade-temporalidade com um conteúdo político bem definido pode ser transformado em um paradigma que favoreça uma interface-interação mais intensa entre intelectualidade-ciência e cotidianidade-saber-arte, em uma práxis de transformação territorial em favor das necessidades e desejos do povo”.

Sobre a sustentabilidade territorial, (Saquet 2015, p. 123) destaca que “na concepção de Magnaghi (2000) o desenvolvimento abarca processos ambientais, econômicos, culturais e políticos. Da mesma forma para Sachs (2002), o ecodesenvolvimento engloba 5 dimensões as quais são a sustentabilidade social, cultural, ecológica, econômica e espacial.

### 2.3 O DEBATE DO DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL

A recente e emergente abordagem sobre desenvolvimento rural no Brasil, nasce, segundo Schneider (2010), a partir de quatro fatores que vão sendo incorporados ao longo do tempo no discurso acerca do tema, aos quais são:

O primeiro, e talvez o mais importante, fator a ser destacado está relacionado com a trajetória das discussões em torno da agricultura familiar e de seu potencial como modelo social, econômico e produtivo para a sociedade brasileira. O segundo fator importante no processo de reemergência do debate sobre o desenvolvimento rural no Brasil resultou da crescente influência e ação do Estado no meio rural, que se deu tanto através das políticas para a agricultura familiar como das ações relacionadas à reforma agrária, segurança alimentar, entre outras. O

terceiro fator que vem fortalecendo a discussão sobre desenvolvimento rural no Brasil no período recente refere-se às mudanças no âmbito político e ideológico. O quarto e último fator importante que vem contribuindo nas discussões sobre desenvolvimento rural no Brasil está relacionado ao tema da sustentabilidade ambiental (SCHNEIDER 2010, s/p).

Diante do que o autor destaca, nota-se que o tema do desenvolvimento rural, vai aos poucos reinserir a agricultura familiar nos debates políticos contemplando a mesma com políticas públicas importantes para seu fortalecimento. Dentre as políticas públicas que se pode mencionar, estão o PRONAF (Programa de Fortalecimento da Agricultura Familiar) como o programa mais importante, o PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar) implantado desde 1955 e o PAA (Programa de Aquisição de Alimentos), surgido no ano 2003, cujos programas fazem parte do repertório político que favoreceu a agricultura familiar ao longo do tempo, auxiliando e estimulando o agricultor a produzir alimentos mais saudáveis, com objetivos bem marcados na questão de segurança e soberania alimentar, bem como promovendo também, a autonomia do produtor rural familiar. Conforme Campello e Vargas (2014, p.5):

A experiência do PAA viabilizou outra grande inovação: a inclusão das compras da agricultura familiar no Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). A iniciativa abriu um novo mercado para os produtores e mais uma possibilidade de qualificar os produtos que abastecem as escolas da rede pública de ensino. Os dois programas, o PAA e o PNAE, são referências para agricultores familiares de outros países, movimentos sociais e governos, sobretudo na América latina, Caribe e na África, muitos inclusive adotaram modelos inspirados no PAA (CAMPOLLO, VARGAS, 2014, p. 5).

Com as políticas públicas, conforme o destacado, tem-se um salto nas questões de desenvolvimento rural e valorização da agricultura familiar. No entanto, os elementos que norteavam o desenvolvimento rural anteriormente à esse período, se baseavam mais num conceito de desenvolvimento rural exaltado na ideologia da Revolução Verde (NAVARRO, 2001). Ainda Navarro (2001, p. 88), “o conceito de desenvolvimento rural, altera-se ao longo do tempo, influenciado por diversas conjunturas e pelos novos condicionantes que o desenvolvimento mais geral da economia e da vida social gradualmente impõem às famílias e às atividades rurais”.

De acordo com as reflexões de Curado e Tavares (2017), mais recentemente o debate por um desenvolvimento rural cujas bases incluem a sustentabilidade, a preservação do meio ambiente além de incluir o contexto social

também, surge exatamente com a contraposição do modelo da agricultura baseada na Revolução Verde implementada nos anos 1950 e 1960. Dessa forma segundo os mesmo autores, com a ascensão da Agroecologia surgem campos de intervenção que explicam os efeitos adversos do modelo da agricultura capitalista. Assim no campo da ciência os autores mencionam:

[...alguns estudos fornecem novas perspectivas sobre os impactos da modernização da agricultura nos agroecossistemas, contribuindo para uma compreensão mais ampla sobre os efeitos do uso dos agrotóxicos, a complexidade do manejo dos solos, as interações solo-insetos-plantas em suas diversas relações ecológicas, além da influência do ambiente nessas relações. No campo da pesquisa, estudos relacionados com o desenvolvimento rural, sobre as consequências dos estilos de produção, sobre o processo de industrialização da agricultura e a concentração do capital, permitem a reflexão sobre as relações sociais e econômicas que se evidenciam nesse modelo capitalista e excludente...] (CURADO, TAVARES, 2017, p. 26).

Nesse sentido, o destaque voltado para as questões de sustentabilidade aparecem com maior ênfase depois da Conferência de Estocolmo em 1972 e veio sendo aprimorada na Rio+20, com objetivo de minimizar impactos ambientais decorrentes do chamado crescimento econômico e do “desenvolvimento”. Contudo, segundo Mendes (2009, p. 50), “o termo 'sustentável' aparece pela primeira vez no informe das Nações Unidas: Nosso Futuro Comum (Comissão Mundial sobre o meio ambiente e desenvolvimento, 1991), conhecido como informe Brundtland em 1987”. Embora o conceito de desenvolvimento sustentável aparece como algo concreto, ainda está envolto de definições inacabadas as quais, muitas vezes, enfrentam obstáculos da realidade em que vivemos.

De acordo com Caporal e Costabeber (2004, p. 84) “o que mais encontramos na literatura contemporânea sobre sustentabilidade é, por um lado, o esforço de muitos autores em estabelecer um conceito de desenvolvimento sustentável e, por outro lado, o trabalho de outros tantos mostrando as insuficiências dos conceitos existentes”. Referente a essa abordagem os mesmos autores ainda mencionam o seguinte:

Com isso, não pretendemos negar o avanço do conhecimento científico na construção de um novo paradigma ou na tentativa de estabelecer um conceito consensuado de desenvolvimento sustentável, pelo menos entre aqueles que aderem a tal paradigma. O que queremos dizer é que não podemos ficar imobilizados por esta falta de consenso, até porque este pressuposto da ciência convencional –de que para agir no sentido da

sustentabilidade é necessário um conceito claro e operacionalizável– tem seu contraponto na história de determinados grupos sociais que alcançaram importantes contextos de sustentabilidade, ainda que desconhecendo a lógica formal ocidental do significado de um conceito (CAPORAL, COSTABEBER, 2004, p. 84).

Existe uma dualidade sobre o conceito de desenvolvimento sustentável, ou seja, depende da interpretação dos diferentes atores sociais. “A evolução das teorias sócio-econômicas e, posteriormente, das teorias desenvolvimentistas, estão intimamente ligadas ao processo de transformação e de sustentação da sociedade com diferentes visões sobre sustentabilidade” (MENDES, 2009, p. 49). Por exemplo, na agricultura convencional, vê-se o desenvolvimento sustentável como algo totalmente diferente da agricultura agroecológica. Na agricultura convencional, sustentabilidade pode estar presente na prática do “plantio direto”, cuja técnica significa que, quando chove não ocorre erosão do solo, como exemplo. No entanto, na agricultura agroecológica, o conceito de sustentável vai além, é sistêmico, engloba o todo e, envolve aspectos que respeitam ao máximo o agrossistema que está sendo interferido.

Sobre essa crítica do complexo conceitual, (Caporal e Costabeber, 2004, p. 85) lembram que, o mais importante para além da precisão de um conceito de desenvolvimento sustentável, é “trabalhar a identificação e construção de saberes ecológicos, agronômicos, econômicos e sociais que nos permitam, de forma participativa, desenvolver processos toleráveis de exploração da natureza e compatíveis com as exigências de reprodução social da agricultura familiar em seus diferentes extratos ou segmentos”.

Não podemos negar que foram estabelecidas várias metas a serem alcançadas ao longo da construção das agendas com objetivo de promover o desenvolvimento sustentável. No entanto, enquanto se constrói teoricamente os objetivos sustentáveis, a práxis ainda é uma realidade longe de ser alcançada. “Os 17<sup>3</sup> objetivos globais de desenvolvimento sustentável devem ser implementados ao longo dos próximos quinze anos até 2030” (ONU, 2017, s/p).

---

<sup>3</sup> 1-Eradicação da pobreza, 2 Fome zero e agricultura sustentável, 3- Saúde e bem-estar, 4-Educação de qualidade, 5-Igualdade de Gênero, 6-Água potável e saneamento, 7- Energia limpa e acessível, 8- Trabalho decente e crescimento econômico, 9- Indústria, inovação e infraestrutura, 10- Redução das desigualdades, 11- Cidades e comunidades sustentáveis, 12- Consumo e produção responsáveis, 13- Ação contra mudança global do clima, 14- Vida na Água, 15- Vida terrestre, 16- Paz justa e instituições eficazes e 17- Parcerias e meios de implementação. Esses são os 17 objetivos do Desenvolvimento Sustentável.

Para Sachs (2002) o desenvolvimento sustentável deve compreender, envolver, incluir oito dimensões, sendo elas: social, cultural, ecológica, ambiental, territorial, econômica, política nacional e política internacional. Nesse sentido, vale refletir as práticas sociais e verificar até que ponto estamos realmente incluindo as diversas variáveis dessas dimensões, para de fato concretizar e promover o desenvolvimento sustentável.

A 'habilidade de sustentar' é algo desafiador em tempos modernos, em tempos de globalização desenfreada e de dicotomias exacerbadas socialmente. Em tempos em que o homem se vê separado da natureza. Dessa forma, sobre o colapso das sociedades modernas Stuart Hall (2006) já mencionava que, "um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Estas transformações estão também, mudando nossas identidades pessoais (socioprofissionais), abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados". Sendo assim, vale ressaltar que fica a cabo a reflexão sobre o desenvolvimento sustentável na sociedade pós-moderna, a que estamos vivenciando e sendo constantemente desafiados a começar desde já, o ato de sustentar o ambiente de modo que as gerações futuras possam ainda usufruir dos recursos aqui existentes.

Assim como Caporal e Costabeber abordam sobre a definição de desenvolvimento sustentável, mais do que definir definitivamente o conceito, a prática ainda é mais importante a partir daquilo que já foi proposto como sustentável e, para além disso é necessário a compreensão primeiro dos esforços já construídos conceitualmente e, dessa forma, evoluindo sim, na práxis.

## 2.4 A AGROECOLOGIA E A CERTIFICAÇÃO

Ao abordarmos sobre um desenvolvimento rural que inclui aspectos relacionados a sustentabilidade, a mesma lembra de formas produtivas específicas que interligam um olhar sistêmico sobre o ambiente. Sendo assim, a agroecologia é uma dessas formas de produzir a qual condiz com características sustentáveis. Para tanto, a Rede Ecológica de Agroecologia, possui um modelo de agricultura que conversa com um desenvolvimento rural sustentado sobre pilares holísticos, onde o respeito pela natureza e pelo tempo se fazem presentes. Para Molina (2013, p. 17),



“resulta ya casi un lugar común afirmar la idoneidad del enfoque agroecológico para el diseño de sistemas agrícolas sustentables y su pertinencia para el desarrollo rural sostenible”.

De acordo com Balestro e Sauer (2013, p. 11), “recentemente a Agroecologia ganhou espaço como uma alternativa na direção de um desenvolvimento rural menos predatório, buscando um uso mais sustentável das terras e do meio ambiente”. Os mesmos autores ainda afirmam, que, existem num desenvolvimento rural, três aspectos importantes que contribuem com a sustentabilidade:

Primeiro, ele consome menos energia e permite um aproveitamento mais racional, dos recursos presentes na propriedade. Ao se tornar menos dependente de insumos externos, a atividade agropecuária contribui para o que se pode chamar de uma economia pós-carbono. Segundo, na perspectiva do desenvolvimento rural sustentável, a paisagem se constitui em um ativo econômico e cultural com a existência de grandes incentivos para sua preservação. O terceiro aspecto tem a ver com a distribuição de renda. As experiências de uma agricultura sustentável revelaram elevada eficiência energética, pouca intensidade de capital, custos mais baixos e vantagem econômica associada a uma economia de escopo em oposição a uma agricultura convencional intensa em capital, com ineficiência energética e dependente de produção em larga escala. Tais particularidades da agricultura sustentável são relevantes para agricultores familiares (BALESTRO, SAUER 2012, p. 11).

Para (Altieri,1987 *apud* Altieri, 1998), a abordagem agroecológica também deve incentivar os pesquisadores e técnicos a observar as técnicas dos agricultores e desenvolver um agroecossistema a depender minimamente de insumos agroquímicos e energéticos externos. Ainda segundo o mesmo autor, a agroecologia deve compreender uma reflexão mais aprofundada do ecossistema, sendo assim, inclui não somente dimensões agrônômicas, mas também, sociais, ecológicas e culturais.

A forma produtiva agroecológica proporciona aos agricultores a possibilidade de certificar os alimentos, assim, funciona no interior dos núcleos formados pela Ecovida. A Rede possui um processo participativo de certificação e, é um processo rigoroso, onde se estabelece a forte conexão entre a agroecologia e a possibilidade de certificar. “A certificação tem sido trabalhada como um processo pedagógico onde agricultores, técnicos e consumidores se integram no intento de buscarem uma expressão pública da qualidade do trabalho que desenvolvem (ECOVIDA, 2017). O selo, somente se obtém caso o agricultor esteja em um ambiente dentro dos

parâmetros que respeitem os conceitos agroecológicos e sustentáveis. Esse processo é legitimado pelo aval dos próprios participantes dos grupos, no interior de cada núcleo da Rede. Para a Ecovida “a credibilidade é gerada a partir da seriedade conferida à todo o processo, partindo da palavra da família agricultora e se legitimando socialmente, de forma acumulativa, nas distintas instâncias organizativas que esta família integra”. O selo, dessa forma, acaba sendo um instrumento também a favor da própria sustentabilidade, pois estimula no produtor o desejo de continuar nesse modelo produtivo.

A abordagem acerca das tecnologias como a certificação voltadas para os agricultores familiares, sobretudo para auxiliá-lo em suas atividades, não obstante, não se esgotam. Referente a essa abordagem, Sabourin (2012, p.1-2), menciona o seguinte:

Os processos de qualificação podem contribuir para estabelecer uma relação de reciprocidade simétrica entre produtor e consumidor. A interface oferecida pelos mecanismos de certificação da qualidade pode contribuir para reintroduzir a dimensão de reciprocidade econômica (a família, a unidade doméstica, a comunidade rural ou camponesa, a cooperativa, as normas e os valores compartilhados) no sistema da troca mercantil (SABOURIN, 2012, p. 1-2).

Concordando com o autor, as ferramentas de qualificação podem ser uma saída para o pequeno produtor rural obter e aumentar de forma agregativa sua renda, além de construir uma reciprocidade entre os atores sociais que estão inseridos nesse processo participativo da Ecovida.

É por meio da gestão de qualidade que resulta na agregação de valor no produto, que as “portas se abrem” para o agricultor, por assim dizer, nasce a possibilidade de um novo nicho de mercado onde se revela o potencial da gestão e dos processos participativos (BATALHA et.al., 2003).

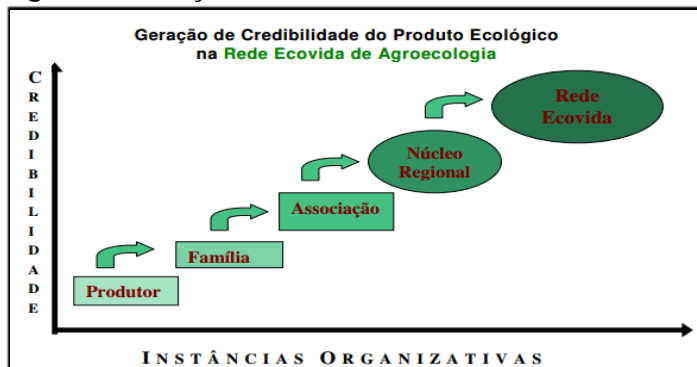
No que se refere aos benefícios que a qualidade e a segurança alimentar que os produtos agroecológicos certificados, podem refletir, Sabourin (2013, p.193) menciona que, “a política de qualificação (o selo ou rótulo) limita os efeitos da concorrência e da especulação característicos da lógica de troca mercantil e pode contribuir para construir territórios de reciprocidade em torno de um produto e de uma comunidade de produtores”. Quando o nome do produtor, da sua localidade ou do seu grupo social está envolvido, são as relações de reciprocidade que geram os

valores de honra, reputação e responsabilidade que permitem a reprodução da qualidade e do ciclo comercial em torno dos produtos "qualificados". (SAUTIER; BIENABE; CERDAN, 2011 *apud* SABOURIN 2013, p. 194).

Envolto do selo ainda estão questões relacionadas com segurança do alimento e da qualidade, esta última, no sentido de que o alimento está livre de agroquímicos e produzido dentro de uma lógica que não inclui o mercado convencional, tampouco, a lógica agroindustrial de larga escala. A qualidade que aqui se refere, é de um alimento que constitui em toda sua forma de produção, uma ética biológica que conserva os princípios naturais do alimento.

Em relação a construção do processo de credibilidade do alimento produzido a Ecovida está fundamentada da seguinte forma:

**Figura 2 - Geração de credibilidade da rede ecovida**



**FONTE: Ecovida, Google Imagens**

Diante de um espaço rural cada vez mais arraigado por características intensivas de produção, o agricultor familiar não convencional necessita de mecanismos diferenciadores para também conseguir se desenvolver em meio a competitividade econômica exacerbada e, sobretudo, num mercado agroalimentar altamente dedentor de uma restrita variabilidade de alimentos e sementes.

## 2.5 MERCADOS NO CONTEXTO DA AGRICULTURA FAMILIAR

De acordo com Wilkinson (2008), existem diferentes tipologias de mercado para a agricultura familiar, sendo as seguintes: mercado de commodities, especialidades, orgânicos, artesanais, solidários e institucionais. O autor, ainda, reforça que para a sustentabilidade de parte importante da agricultura familiar,

objetivando a permanência futura da família no meio rural, evidencia-se a necessidade de estratégias produtivas diversificadas e de diferentes canais de mercados. Schneider (2015, p. 128) aponta que “a tipologia dos mercados da agricultura familiar desemboca, finalmente, nos canais de comercialização”.

Entre os autores que escrevem sobre a relação da agricultura familiar com os mercados como Ploeg, Friedmann, Chayanov, Bernstein, Ellis, o que melhor aponta sobre o panorama brasileiro nesse debate é Wilkinson. Segundo Schneider (2015, p.114), o mesmo destaca sobre o que Wilkinson pensa acerca dos mercados para agricultura familiar:

[...] a discussão mais interessante estaria nas condições e possibilidades abertas pelos assim chamados mercados alternativos, especialmente os nichos e mercados de proximidades, oportunizados por novos produtos, geralmente com maior valor agregado. Outra novidade que emerge são os chamados produtos tradicionais, que conseguem abrir espaços em face da demanda pela artesanidade (slow food) ou pelos aspectos éticos (fair trade) ou mesmo relacionados a sustentabilidade (orgânicos, agroecológicos, etc.) (SCHNEIDER, 2015, p. 114).

Wilkinson aponta para as oportunidades de mercado que nascem num contexto da agricultura familiar, como os mercados alternativos. Esse tipo de mercado carrega elementos que muitas vezes, não conseguem ser mensurados e caracterizados pela economia, daí a diferenciação dos mercados da agricultura familiar. De acordo com Schneider (2015, p. 123) “são mercados socialmente construídos, em que as trocas materiais estão imersas em relações sociais de reciprocidade e interconhecimento, que funcionam também, como dispositivos de controle e regulação”.

Sobre a relação mercantil que os produtores familiares estabelecem, Schneider (2015, p. 95) comenta que “a inserção ou a relação dos agricultores nos mercados é um fato dado e observável cotidianamente. Raros são os agricultores que vivem de forma autóctone e não realizam trocas simples ou até mesmo se relacionam com mercados mais complexos”. Para Sen (2000, p. 41) “restrições arbitrárias ao mecanismo de mercado, podem levar a uma redução de liberdades devido aos efeitos de consequência de ausência de mercados. Negar às pessoas oportunidades econômicas e as consequências favoráveis que os mercados oferecem e sustentam, podem resultar em privações”.

Referente a caracterização dos produtores da Rede Ecovida, os mesmos se encaixam na categoria da agricultura familiar. De acordo com Basso e Gehlen (2015) os agricultores familiares modernos adotam diferentes racionalidades produtivas dentre delas, a categoria de agricultor moderno não convencional, dessa forma estabelecem formas de comercialização e trabalho diferenciados, onde por vezes, necessitam buscar adaptações que auxiliam na continuidade de suas atividades para a consequente permanência e sucessão familiar no meio rural.

Os agricultores da Rede, estão inseridos no mercado de proximidade, bem como em mercados institucionais como o PAA (Programa de Aquisição de Alimentos) e PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar) e, comercializam seus produtos localmente e por um circuito conectado dentro da própria rede, assim, estabelecendo também, a proximidade nos mercados regionais. Sobre a comercialização da Rede Ecovida, portanto, segundo Perez (2009, p. 204) “dentre os princípios e objetivos de trabalho propostos pela Rede, torna-se bastante evidente sua preocupação em indicar aos seus membros uma orientação pela busca de estratégias de mercado, baseadas no comércio justo e solidário e, conseqüentemente, a priorização dos mercados locais”.

Para Conterato *et al* (2007), a agricultura vem se modificando no decorrer da história. As transformações vivenciadas pelos agricultores, orientadas pela lógica da modernização, e a intensificação do processo de globalização das redes de mercado tem exigido, de parte dos agricultores a necessidade de readequar suas estratégias produtivas com vista a outros mercados.

Ao mesmo tempo, o aparecimento de demandas pelos consumidores por produtos mais naturais e saudáveis, assim como as políticas públicas e os movimentos sociais, impulsionam o surgimento de mercados alternativos. De acordo com Niederle (2009, p. 6), esses mercados “se consolidam a partir da disseminação de uma série de “mercados alternativos” como especialidades de nicho, orgânicos, artesanais, solidários e institucionais”. Em relação a esse tipo de mercado, Niederle (2009) ainda destaca o seguinte:

O estudo de Hinrichs (2000) sobre mercados agrícolas diretos assume uma postura similar neste sentido. [...] Estes mercados têm sido vistos como uma espécie de contraponto aos sistemas de produção e distribuição de alimentos de larga escala representados por mercados globais impessoais e anônimos. Expressões de proximidade e confiança, baseados na familiaridade e pertencimento à comunidade, ligados às necessidades e

interesses locais e privilegiando relações entre produtores e consumidores geograficamente próximos, os mercados diretos seriam um típico exemplo de mercado embedded. Sem abdicar deste componente de enraizamento, Hinrichs demonstra que não é ausente deste tipo de mercado alternativo comportamentos que evocam a lógica do preço (marketness) e o planejamento de metas econômicas projetadas a partir de uma racionalidade econômica [...], o que faz com que a noção de embeddedness torne-se mais nuançada e as distinções entre mercados pessoais e impessoais menos clara. (NIEDERLE, 2009, p.20).

Em uma análise mais aprofundada sobre mercados e nesse universo da complexidade, Wilkinson (2008, p.17) menciona que “podemos identificar pelo menos quatro formas tradicionais de acesso aos mercados: acesso direto, sobretudo no caso de mercado local (informal); intermediação via atravessador; integração com a agroindústria e compras por parte do poder público”. No que se refere a relevância de mercados para a agricultura familiar, o mesmo autor ainda destaca que, essa é “conquistada por distintos processos de fidelização com base na identificação dos produtos e dos processos produtivos com características específicas”.

Os mercados baseados em uma lógica de proximidade, contemplam o que Weber se refere ao mercado como uma ação social onde as instituições orientam o comportamento dos indivíduos (RAUD-MATTEDI, 2004). Nesses mercados, portanto, os consumidores também levam em conta valores simbólicos como o bem-estar, a saúde, ou mesmo o preço e a qualidade que estes produtos venham ter. Deste modo, destacam-se as relações socioculturais, ligadas a tradição, origem ou ao modo de produção.

Relacionar o tema sobre mercados e a agricultura familiar, torna-se um tanto desafiador na medida em que encontramos diferentes valores que orientam os diferentes tipos de mercado. Neste âmbito, Basso (2013) observou uma correlação positiva entre os valores que orientam a maneira de fazer a agricultura e os valores que orientam o acesso aos mercados.

Para Veiga (1996), a agricultura familiar aponta enormes vantagens em termos de desenvolvimento rural, por se caracterizar diversificada, além de apresentar um perfil distributivo e incluir aspectos socioculturais. O autor reforça também, que a “promoção da agricultura familiar como linha de estratégia de desenvolvimento rural, está finalmente entrando na agenda política do Brasil” (VEIGA, 1996, p.397). Diante disso, Schneider destaca o que Veiga e Abramoway afirmam sobre a agricultura familiar e seu potencial:

[...] a valorização da agricultura familiar e o reconhecimento de seu potencial dinamizador das economias locais talvez seja o principal ponto de consenso. Em maior ou menor medida, sustentam o argumento de que a capacidade de inovação dos agricultores familiares e sua interação com as instituições locais são fundamentais para que possam ampliar a geração e agregação de valor, assim como reduzir custos de transação e estimular economias de escopo. (SCHNEIDER, 2007, p. 19).

Dessa forma, o papel de parcela dos agricultores familiares se enquadra em importantes aspectos de desenvolvimento, na medida em que promove diferentes visões e valores referentes ao mercado por meio de uma produção mais diversificada, da valorização local e cultural, da proximidade com os consumidores, da comercialização como oportunidade de diversificar os mercados sem seguir padrões tecnológicos homogeneizadores. Dessa maneira, conforma-se um desenvolvimento rural numa perspectiva de inclusão dos agricultores, no qual, diversas categorias de produtores possam atuar e desenvolver suas atividades sem que tenham que se enquadrar em padrões impostos.

Niederle (2009), destaca que:

Semelhante assertiva pode levar a conclusão de que os mercados alternativos são *embedded* (incorporados) enquanto os mercados convencionais são *disembedded* (desincorporados), uma vez que estes teriam pouco ou nenhum vínculo com as instituições (sociais, culturais e políticas) locais (NIEDERLE, 2009, p.14).

Referente a essa incorporação ou enraizamento do mercado alternativo, portanto, observa-se que num mercado de proximidade como é no caso da rede Ecovida, os consumidores estabelecem relações que levam em conta vários aspectos relacionados, por exemplo, com a qualidade do produto, a confiança, o bem-estar, a valorização das identidades locais, entre outros elementos socioculturais. Na produção agroecológica a qualidade está referenciada sob aspectos relacionados à segurança alimentar (alimento sem agrotóxico), à saúde tanto do agricultor quanto do consumidor, à conservação do meio ambiente como um todo (CONSEA, 2012).

A abordagem do 'alternativo', ou seja, a racionalidade *não* convencional é vista de maneira negativa pelos atores que se orientam pela racionalidade convencional (BASSO E GEHLEN, 2015). Esse tipo de mercado alternativo agroecológico inclui aspectos relacionados com a "sustentabilidade" e engloba,

também, características socioculturais de cada região, contribuindo para o desenvolvimento rural sustentável. Diante disso Issberner (2008), destaca que:

Produtos que utilizam práticas sustentáveis, muitas vezes chegam ao mercado a preços mais caros do que os congêneres fabricados com técnicas convencionais. Por outro lado, crescem continuamente os chamados mercados alternativos que incluem uma segmentação formada por produtos orgânicos, de consumo ético ou justo, procedência geográfica. Porém, para atuar nesses nichos de mercado é necessário que os produtores sejam certificados por uma instituição renomada, que ateste a procedência e as práticas adotadas na produção (ISSBERNER 2008. P. 2).

Concordando com a autora, para que as práticas sejam reconhecidas como pertencentes a um dado mercado alternativo, é necessário que haja a incorporação de uma determinada tecnologia. Nesse sentido os membros da Rede Ecovida incorporaram o processo de certificação participativa dos produtos. Destaca-se também, que a forma de certificação da Rede, não interfere em aspectos relacionados na questão de preços, pois estes tendem a ser justos e acessíveis, conforme os princípios que a própria Rede estabelece.

Sobre os mercados de acesso direto como o autor menciona, os mesmos podem-se assim dizer, surgem para a valorização das dinâmicas territoriais, que atuam diretamente com os atores locais, entre agricultores e consumidores e, que propiciam uma relação de confiança onde os consumidores têm a oportunidade de conhecer as dinâmicas e as práticas de quem produziu o alimento (DAROLT, 2013).

No ramo do comércio alternativo, o orgânico, por exemplo, nem sempre está inserido nesse mercado, pois segundo (Meirelles 2002 *apud* Padilha e Brandenburg 2012), os produtores utilizam técnicas alternativas, porém, optam algumas vezes, pelo mercado convencional mascarando o importante aspecto do ideário agroecológico. Os autores ainda destacam que “a necessidade premente de reprodução econômica da agricultura familiar também, obriga este setor e seus aliados a buscarem alguma forma de inserção no mercado”.

Em que pese os esforços de pessoas, organizações e países, o desconhecimento sobre práticas sustentáveis nas pequenas comunidades que têm na biodiversidade seu principal meio de subsistência ainda é grande. Além de recursos faltam informações, conhecimentos e experiências para nortear as estratégias empresariais e as políticas nessa área (ISSBERNER, 2008, p. 3).



Com o objetivo de difundir melhor essas práticas envoltas em aspectos mais sustentáveis e, para que haja um efetivo crescimento do mercado alternativo, é importante pensar o papel de políticas públicas que possibilitem o acesso e amplitude deste mercado, não só para os produtores que estão ligados diretamente, mas também aos consumidores.

Diante da crise ambiental planetária que se faz presente, é visto que a emergência de mudanças se fazem necessárias para sustentar-se os pilares da natureza, cuja sociedade depende diretamente e de forma contínua. Nesse sentido, Penteadó e Fortunato (2010, p.416) destacam que “a crise ambiental/percepção é apenas o topo mais alto de uma problemática que envolve toda existência planetária, que demanda novas formas de compreensão dos fenômenos”.

Surgem, portanto, em meio a instabilidade ecológica, sujeitos, que são autores sociais buscando novas formas de fazer agricultura, e que, contribuem de certa maneira com seu *modus operandi* a favor do equilíbrio ambiental. Agricultores que fazem parte da Rede Ecovida são exemplo de um trabalho diferenciado em termos de agricultura alternativa e agroecológica, conceitos que são bem definidos pelo autor Miguel Altieri.

Esses indivíduos ao fazerem uma agricultura cuja dinâmica se enquadra nos princípios agroecológicos, estão, ao mesmo tempo, se diferenciando também, no acesso ao mercado e, portanto, é possível encontrar dentro da Rede o que Durkheim e Weber descrevem como uma construção social do mercado, onde, dessa forma, são os próprios atores sociais que norteiam suas prioridades e desejos econômicos. (MATTEDI, 2005).

É no contexto de reciprocidade e de princípios solidários que está o diferencial da dinâmica e de mercado da Rede Ecovida. Dessa forma, Meirelles (s/d, p.4), coordenador do Centro Ecológico membro da Rede Ecovida, destaca:

É na busca da construção de relações de mercado desta natureza que a Rede Ecovida tem estimulado a construção de uma Rede Solidária de Produção e Circulação de Produtos Ecológicos. As células de comercialização desta Rede são fundamentalmente feiras livres, cooperativas de consumidores, mercados institucionais, pontos de abastecimento popular, pequenas lojas e comerciantes. Várias experiências ocorrem hoje em todos os núcleos da Rede Ecovida e que apontam para a construção de que podemos chamar de “outro mercado”. (MEIRELLES, s/d, p. 4).

Para Conterato et.al (2013, p. 8), “o estudo sobre os mercados e os processos de inserção dos agricultores em relações mercantis ganhou inaudito interesse e proeminência nos anos recentes”. Diante disso, vale ressaltar que pesquisas voltadas para esse campo, bem como os fatores preponderantes para a facilitação do acesso aos mercados entre agricultores familiares, torna-se um processo inovador.

No que se refere a compreensão sobre mercado, nesse espaço de complexas interações entre os agricultores e dentro da sociedade, Conterato et.al (2013, p. 8), também menciona que, “os mercados passam a ser percebidos e entendidos como espaços de interação social, formados através de sinais e relações que não são apenas materiais e tangíveis, mas fundamentalmente ativados mediante interações sociais, culturais e cognitivas”.

Portanto, diante do que já foi abordado, segundo Sabourin (2013, p. 194), “[...] o processo de certificação não é um dado tecnológico neutro. É uma construção social, que depende principalmente da confiança humana, mais que da conformidade a processos ou padrões tecnológicos”.

O mercado agroecológico e a dinâmica dos agricultores agroecológicos, tornam-se, um desafio na medida em que esses atores precisam se inserir e se diferenciar em meio à uma sociedade cada vez mais competitiva e menos sustentável. Portanto, revelando assim uma constante luta no resgate e na busca pela tão mencionada sustentabilidade (ENGELMANN, 2015).

Segundo Grisa e Schimitt (2013, p. 218), “A análise dos processos de mudança tecnológica na agricultura e suas inter-relações com os mercados e as políticas públicas tem sido um tema recorrente na literatura relacionada à agricultura e ao desenvolvimento rural”. Em face disso, pensar a inserção nos mercados pelos atores sociais, membros da Rede é uma tarefa que traz uma lógica diferenciada. Para esses atores o mercado é algo que se constrói a partir de suas demandas. Portanto Basso (2013, p.49), reforça que:

[...] compartilha-se com o pressuposto de que os atores sociais, ao tomarem consciência do efeito “deculturativo” da sociedade centrada no mercado, implementam condutas objetivando estabelecer outros sentidos às suas práticas sociais. Os atores sociais, por meios de suas práticas sociais atribuem outras significações às suas condutas, revelando outros sentidos em suas ações. De modo que se recusam a permanecer limitados a condutas guiadas pela lógica da sociedade moderna centrada no mercado (BASSO, 2013, p. 49).

Frente ao que o autor menciona, os indivíduos refletem a ideia de desenvolvimento como liberdade que Amartya Sen (1999) destaca, pois são sujeitos que fazem suas escolhas a partir de suas visões de mundo e, dessa forma, não permitindo ser influenciados pelo modelo hegemônico de produção.

Segundo Perez-Cassarino e Ferreira, (2013, p. 177) “a construção social de mercados situa-se como elemento integrante da proposta agroecológica e estratégia central para o redesenho dos sistemas agroalimentares e sua busca pela sustentabilidade”. Diante disso, a Rede Ecovida tem-se redesenhado em termos de comercialização, ou seja, engloba aspectos dos mercados de circuitos curtos. Esse tipo de mercado facilita o acesso por esses atores e sobretudo gera uma aproximação com o consumidor. Para Darolt (2013, p.139) “reinventar os mercados locais, aproximar produtores e consumidores, e estimular a compra de alimentos de base ecológica em circuitos curtos de comercialização, são alguns desafios para se criar um modelo de consumo alimentar ecologicamente correto”.

De acordo com Perez-Cassarino e Ferreira (2013) o objetivo da construção de um sistema agroalimentar de escala local valorizando os circuitos de proximidade, é de desenvolver iniciativas que visam um desenvolvimento rural diferenciado.

Para Rover (2011, p.62), a dinâmica inovadora da Rede Ecovida e sua forma de organização social na construção de espaços alternativos de mercado “nos permitem refletir com Polanyi (1978) sobre a obsolescência de uma certa mentalidade mercantil, para a qual as relações sociais estão necessariamente subordinadas à economia de mercado”. Esses mercados são expressão da emergência de uma nova economia de qualidades que se exprime, no âmbito da produção e do consumo, por um amplo e diversificado conjunto de valores redefinindo o conteúdo das relações econômicas (KARPIC, 2009; ALLAIRE, 2004; GOODMAN, 2003 *apud* NIEDERLE, ALMEIDA, 2013, p. 28-29). Conforme Niederle e Almeida (2013, p. 28) “dentre os mercados que têm revelado maior pujança nesse processo de reconfiguração dos territórios, pode-se destacar aqueles associados à produção de alimentos orgânicos ou agroecológicos”.

No que refere aos benefícios para algumas das dimensões da sustentabilidade, segundo (Mundler, 2008 *apud* Darolt 2013, p. 150), a combinação

entre agricultura ecológica e circuitos curtos tem impactos positivos em diferentes dimensões como na economia local, trazendo oportunidades de trabalho e de renda; na dimensão social com a aproximação de produtores e consumidores; e na dimensão ambiental, com a valorização da paisagem e dos recursos naturais.

Wanderley (2009), ainda destaca sobre a contribuição do agricultor familiar para a sustentabilidade:

[...] agricultura familiar está no centro de questões fundamentais que hoje estão postas em nível planetário e para a sociedade brasileira em particular. Entre elas, assumem especial relevo a preservação do patrimônio natural, a quantidade e a qualidade dos alimentos, as demandas de segurança alimentar, a adequação dos processos produtivos e a equidade das relações de trabalho. Da mesma forma, trata-se de afirmar novas configurações de vida social que, vencendo o isolamento que empobrece e estiola as relações humanas, evitem as formas degradadas de muitas das aglomerações urbanas. O grande desafio consiste na busca de outras maneiras de produzir, que não agridam nem destruam a natureza, que valorizem o trabalho humano e contribuam efetivamente para o bem-estar das populações dos campos e das cidades. Os agricultores familiares, em sua grande diversidade, têm feito sua parte: acumularam em sua história experiências virtuosas com o trato da terra e da água, foram capazes de se organizar e de expressar seus pontos de vista, conquistaram aliados para suas causas e aprenderam a dialogar com instituições as mais diversas (WANDERLEY, 2009, p. 43-44).

Diante da abordagem que a autora nos remete, torna-se importante percebermos e situarmos o agricultor familiar (o agroecológico) em uma perspectiva sustentável por meio de sua contribuição em sua forma diferenciada de produção. De acordo com Carmo (1998) o espaço rural ocupado pela agricultura familiar agroecológica, possui elementos que melhor propiciam uma produção agrícola sustentável, pois englobam a diversificação e integração produtiva, contribuindo dessa forma com as funções ambientais.

Para Sachs (2010) em uma observação mais aprofundada no debate relacionado ao desenvolvimento rural, o autor menciona que “os agricultores familiares são capazes de fazer serviços ambientais essenciais, de serem os guardiões das paisagens e os gerentes dos recursos de que depende nossa existência – solos, águas, florestas e, por extensão, climas”. Dessa forma, podemos compreender o agricultor familiar inserido na dimensão ecológica de sustentabilidade, sendo uma das cinco dimensões que o Sachs menciona como indicador de desenvolvimento sustentável.

## 2.6 O PAPEL DOS CONSUMIDORES NA ALIMENTAÇÃO AGROECOLÓGICA, UM DESAFIO E UM SALTO DE QUALIDADE.

O ato de comer é uma necessidade fisiológica, porém, o ato de comer um alimento considerado saudável é uma escolha, ou porque não dizer uma difícil escolha. Estamos vivenciando uma época em que a alimentação, por exemplo, a chamada de *fast food* está presente como forma mais rápida de preparo em um curto período de tempo, mas que está constituída por as chamadas calorias vazias, ou seja, com muita gordura e sem teor vitamínico. Para entender melhor esse contexto alimentar, (Menasche; Alvarez e Collaço, 2012) destacam:

Muito mais que um ato fato biológico, a alimentação humana é um ato social e cultural, ainda, mais que um elemento da chamada “ cultura material”, a alimentação implica representações e imaginários, envolve escolhas, símbolos e classificações que organizam as diversas visões de mundo no tempo e no espaço. (MENASCHE, ALVAREZ, COLLAÇO, 2012, p. 8).

De acordo com Poulain e Proença (2003), o ato de comer está relacionado a quarta dimensão do espaço social alimentar e, inclui uma série de aspectos, dentre eles, rituais, os quais norteiam a forma de como as pessoas se alimentam. O mesmo autor ainda destaca o seguinte:

A alimentação se inscreve dentro de uma série de ciclos temporais socialmente determinados, como o ciclo de vida dos homens, com uma alimentação de lactente, de criança, de adolescente, de adulto e de idoso. A cada etapa correspondem estilos alimentares, compreendendo alguns alimentos autorizados, outros proibidos, os ritmos das refeições, os status dos comensais, os papéis, as condicionantes, as obrigações e os direitos (POULAIN e PROENÇA, 2003, p. 253).

Nesse sentido, o autor nos remete a uma difícil e, ao mesmo tempo importante, compreensão da maneira como cada indivíduo carrega já dentro de si e percebe a alimentação de diferentes formas. Podemos então dizer que, mudanças nos hábitos alimentares e sobretudo no hábito saudável torna-se um desafio na medida em que cada pessoa já possui um modo diferenciado de se alimentar. Por outro lado, também ao considerar a alimentação dentro do campo político, torna-se ainda mais desafiador introduzir formas mais saudáveis de alimentação pois existem um complexo de fatores que vão desde a cadeia produtiva até à mesa do consumidor.

Para Darolt (2003), optar pelo alimento orgânico ou agroecológico, não envolve apenas elementos técnicos como a produção ou elementos econômicos, mas, também, fatores políticos e sociais como já mencionado anteriormente.

Portilho et. al. (2011) lembra que, o campo político regula as políticas de distribuição e nutrição, produção alimentar, por meio da percepção de escolhas de consumo. A mesma autora ainda, menciona que, a relação que se estabelece entre o consumo e a política, está presente nos discursos de movimentos sociais por exemplo, nas ideologias com objetivo de solucionar “problemas sociais e ambientais, práticas de consumo responsável, consciente, ético ou sustentável”.

Darolt (2003, p. 291) ainda destaca que, “[...a alimentação moderna tem conduzido não apenas a um desastre na saúde humana, mas também, a uma série de problemas ambientais”.

Felizmente “A crescente demanda por produtos orgânicos está fortemente relacionada ao aumento da exigência dos consumidores, internos e externos, com a qualidade dos alimentos e com os impactos da agricultura sobre o meio ambiente” como destaca Büttenbender et. al. (2006).

Segundo Batalha (2000), a preocupação em relação a alimentação saudável está cada vez mais ressaltada na sociedade, fazendo com que haja mudanças no modo em que os produtos alimentícios são produzidos ao longo da cadeia produtiva, ou seja, alguns produtores rurais já estão buscando mudar de racionalidade em busca de uma produção que melhor se adapte à demanda atual.

Aos poucos, vão surgindo consumidores que estão aderindo uma alimentação voltada aos padrões agroecológicos ou orgânicos. De acordo com Darolt (2003, p.291) “a busca da qualidade alimentar está se tornando uma das principais preocupações dos consumidores conscientes”. Isso denota um avanço referente a ruptura de padrões alimentares e um salto em termos de estímulo à produção por um alimento de qualidade. Ainda sobre qualidade, vale destacar, segundo Oliveira (2003, p.9), “[...] depende do contexto em que é aplicada, podendo-se considerar diversas percepções em relação à mesma, em fase da subjetividade e complexidade de seu significado”.

## 2.7 AS FEIRAS UM ELO DE PROXIMIDADE ENTRE CONSUMIDOR E PRODUTOR

As feiras e as vendas diretas são bem comuns num contexto agroecológico, dado a realidade desse modelo de produção, que, como já fora abordado, inclui aspectos locais. De acordo com Darolt (2013, p. 148):

No Brasil, a maioria dos produtores de base ecológica com bons resultados de comercialização em circuitos curtos tem utilizado pelo menos dois canais de venda (feiras e programas de governo), mas há uma gama de alternativas que se desenvolvem junto com o crescimento da demanda. Entre elas existe a opção de cestas em domicílio, vendas na propriedade associadas a circuitos de turismo rural, restaurantes, lojas especializadas e cooperativas de consumidores, além de vendas em lojas virtuais pela internet.

Ao estudar os circuitos curtos e sua viabilidade, Darolt destaca que, “em circuitos curtos existe maior autonomia do agricultor em relação aos circuitos longos. O agricultor ecológico que vende em circuitos longos, normalmente, está ligado a empresas que controlam o que, quanto e, como produzir” (2013, p.149).

Para (Mundler 2008 *apud* Darolt 2013, p. 149), “a combinação entre agricultura ecológica e circuitos curtos impacta positivamente em diferentes dimensões, como: na economia local, traz oportunidades de trabalho e de renda; na dimensão social, aproxima produtores e consumidores; e na dimensão ambiental, valoriza a paisagem e os recursos naturais”.

Embora seja positivo a venda em circuitos curtos, existem desafios. Segundo Darolt (2013, p. 150) “a organização do trabalho para quem escolhe vender via circuitos curtos se torna mais ou menos complexa em função dos recursos humanos e econômicos disponíveis na propriedade”. Magnanti (2008) aponta mais alguns desafios quando se trata de comercialização em rede, a exemplo da Ecovida:

[...] a padronização de documentos para comercialização entre os estados; a padronização de embalagens, prioritariamente ecológicas; a padronização de produtos entre os núcleos; investimentos em recursos humanos para operacionalização do processo de comercialização; melhoria e investimentos em logística; e planejamento de produção para atender a uma demanda em expansão, destacadamente para alimentação escolar (MAGNANTI, 2008).

Durante a pesquisa de campo, teve-se contato com essas dificuldades quando se tratava de comercialização. Durante as reuniões em Rede, no Núcleo em estudo, um dos debates era em torno de melhorar a circulação dos produtos, aumentar a oferta e viabilizar uma possível logística de trocas de produtos entre os municípios ligados ao Núcleo na região Oeste do Paraná.

As feiras também são realidade dentro do Núcleo. Observou-se a presença das feiras na Universidade do Oeste do Paraná, em todos os municípios onde se encontram os *campus*. Essas feiras, ao se estabelecerem em um ambiente educacional, acabam fortalecendo a mudança de hábitos alimentares por parte dos jovens que aí se encontram. Por outro lado, ainda existem resistências, dúvidas sobre esse alimento orgânico que está sendo vendido, mesmo que certificado<sup>4</sup>.

Embora exista todo um movimento (seja de propagandas, de eventos, de movimento social), em favor de alimentos mais saudáveis, ainda assim, defronta-se com consumidores carentes de informação e de conhecimento acerca do assunto agroecologia.

### **3 O PROCESSO AGROECOLÓGICO DOS AGRICULTORES FAMILIARES DO NÚCLEO OESTE DO PARANÁ DA ECOVIDA**

Este capítulo objetiva realizar uma análise das percepções referente ao universo agroecológico dos agricultores membros do Núcleo Oeste do Paraná da Rede Ecovida, seguida de discussão dos resultados obtidos da presente pesquisa.

O levantamento de dados do processo agroecológico construído pelos agricultores participantes desse Núcleo, propiciou um diagnóstico relevante acerca das características desse modelo de produção.

Reflete-se também, sobre o comportamento alimentar dos consumidores frente a uma alimentação isenta de agrotóxicos.

#### **3.1 A DINÂMICA DOS SISTEMAS PRODUTIVOS DAS FAMÍLIAS MEMBROS DO NÚCLEO OESTE DA REDE ECOVIDA**

---

<sup>4</sup> Será melhor explicitado no terceiro capítulo o qual compõe os dados com observação e entrevistas.



Os agricultores participantes da Rede Ecovida de Agroecologia dentro do Núcleo Oeste do Paraná e seus respectivos grupos, se enquadram nas características típicas de que trata a agricultura familiar já mencionada na parte teórica. As 15 famílias entrevistadas se encontram distribuídas nos seguintes grupos dentro do Núcleo, como pode-se ver no quadro 1:

**Quadro 1 - Número de agricultores entrevistados**

Grupos dentro do Núcleo Oeste do Paraná da Ecovida	AGRICULTORES POR GRUPO
Grupo FOLHA VERDE	4
Grupo PROORTO	5
Grupo APOP	2
Grupo APROMER	1
Grupo ECOIGUAÇU	3
TOTAL	15

**FONTE: O Contexto Agroecológico dos Agricultores Familiares e suas Percepções no Núcleo Oeste do Paraná da Rede Ecovida: Perspectivas, Avanços e Desafios**

Cada grupo possui suas formas de organização e a cada mês fazem reunião na casa de um dos membros participantes. Estabelecem uma agenda de modo que favoreça a participação de todos, ou seja, na medida do possível, agendam as reuniões de uma forma que nenhum membro se sinta prejudicado e, possa participar da reunião sem que atrapalhe outras atividades. Em caso de exceções, existem adiamentos e alterações dos dias marcados para a reunião do grupo.

Sobre as famílias se encaixarem no que se refere a agricultura familiar, Wanderley (2003) lembra que o agricultor familiar inserido num contexto moderno, se reinventa e se torna o autor de sua própria história. No Brasil, para fins de política pública, normatizou-se um padrão de agricultura familiar conforme o tamanho da propriedade, esse padrão é definido a partir do que se chama módulo fiscal.

Segundo a Constituição brasileira, materializada na Lei nº 11.326 de julho de 2006, considera-se agricultor familiar aquele que desenvolve atividades econômicas no meio rural e que atende alguns requisitos básicos, tais como: não possuir propriedade rural maior que 4 módulos fiscais; utilizar predominantemente mão de obra da própria família nas atividades econômicas de propriedade; e possuir a maior parte da renda familiar proveniente das atividades agropecuárias desenvolvidas no estabelecimento rural. O módulo fiscal é uma unidade territorial agrária, fixada por cada município brasileiro baseados na Lei Federal nº 6.746/79. O tamanho do módulo fiscal, para cada município, é determinado levando-se em consideração: o tipo de exploração predominante no município e a renda obtida com ela; outras explorações importantes (seja pela renda ou área ocupada) existentes no município; e o conceito de "propriedade

familiar", definido pela Lei nº 6.746/79. O módulo fiscal varia de 5 a 100 hectares, conforme o município (ALMEIDA, s/a, s/p).

No entanto, agricultura familiar vai muito além de uma padronização do tamanho da propriedade. Para Sérgio Schneider:

Atribui-se caráter conceitual e teórico à agricultura familiar sob as alegações mais diversas. Não é raro encontrar trabalhos que operam com a própria definição operacional das políticas públicas como um conceito de agricultura familiar. Também se utiliza o argumento de que o caráter familiar confere sentido analítico às unidades de produção baseadas no trabalho, gestão e propriedade da família". Em ambas as situações, ocorre uma miríade de formas sociais que não podem ser enquadradas nem pelo sentido normativo da política nem pelo recurso ao seu caráter familiar. Até porque ambas encobrem uma significativa diversidade social, uma vez que não há apenas uma forma de ser das famílias (SCHNEIDER, 2009, p. 10).

Em termos de tamanho da propriedade, como podemos analisar a tabela abaixo, as famílias se enquadram na padronização que a lei confere, conforme os módulos fiscais dentro desse ponto conceitual. De modo geral, as propriedades e modos de vida diversificados se encaixam no que Schneider destaca acima. O quadro 2 indica o tamanho das propriedades.

**Quadro 2 - Tamanho da propriedade das famílias**

Tamanho da propriedade por número de agricultores	
Tamanho da Área	Número de Agricultores
Menos de 1 hectare	3
1 hectare	3
1,5 a 2 hectares	2
2,1 a 5 hectares	1
5, 1 a 8 hectares	3
Acima de 9 hectares	2
TOTAL	15

**FONTE: O Contexto Agroecológico dos Agricultores Familiares e suas Percepções no Núcleo Oeste do Paraná da Rede Ecovida: Perspectivas, Avanços e Desafios**

O tamanho limitado da área das propriedades faz com que exista uma dificuldade em obter renda apenas de um produto agrícola, aspecto que facilita a busca por outra estratégia produtiva e, desse modo, essas famílias optam por uma variedade maior de produtos a serem plantados e comercializados, uma característica presente na agroecologia, ou seja, a diversificação. Diante do destacado, observa-se que a Agroecologia se torna, de certa forma, uma alternativa

de permanência no meio rural para os agricultores com pequenas propriedades. Uma opção no sentido de aumentar as chances de obter renda diante do contexto no qual se inserem.

Dentro das características que vão além do tamanho da propriedade familiar e da diversificação dos cultivos, ainda predomina também a questão da transição agroecológica. Trata-se de práticas socioambientais que visam uma mudança no interior da propriedade no sentido de adequá-la a fim de poder obter o selo de certificação. Frente a isso Schmitt destaca:

a transição para a agroecologia implica a reapropriação e/ou fortalecimento da capacidade de gestão, individual ou coletiva dos agricultores familiares sobre os recursos naturais que servem de base à sua reprodução econômica e social, envolvendo frequentemente, reestruturações importantes nos vínculos estabelecidos com os diferentes agentes sociais com os quais mantinham relações na fase anterior ao seu engajamento nas chamadas *redes da agroecologia* (SCHMITT, 2013, p. 192).

Essa transição agroecológica a qual a autora se refere e, qual os agricultores aqui referenciados escolheram, se enquadra muito mais no que ela trata como, “uma intervenção planejada, buscando compreender a transição como uma construção social (ou ecossocial) que emerge por meio das interações que se estabelecem entre os atores, recursos, atividades e lugares nos processos de desenvolvimento rural” (SCHMITT, 2013, p. 174).

Dentro da Rede Ecovida existe algumas normas que precisam ser seguidas a fim de poder obter o selo de certificação, especialmente em casos de conversão.

A certificação da produção ecológica de propriedades em conversão é permitida desde que: No plano de conversão seja previsto a ecologização progressiva da propriedade agrícola. O tempo de conversão deverá ser estabelecido em comum acordo entre o agricultor e o Núcleo Regional, devendo este tempo ser definido em função das características sócio-econômicas e ambientais de cada região e de cada propriedade (ECOVIDA, 2004, p. 18)

Diante do exposto, é necessário que o agricultor que queira fazer uma transição da agricultura convencional para a agroecológica, portanto, promover uma mudança de racionalidade, respeite um determinado tempo e também faça uma barreira com plantas específicas utilizada para esse fim. Essa barreira tem como objetivo minimizar ou barrar a entrada de agroquímicos utilizados nas propriedades vizinhas. Nas entrevistas, ficou bem presente as falas sobre a barreira. Relatam que

é uma regra que deve ser cumprida para se construir uma propriedade agroecológica. Diante disso a entrevistada 3 destaca:

*Quando a gente comprou aqui, era tudo cana, daí tiramos vendemos e pra começar agroecológico a gente precisou fazer a barreira e, por causa do solo contaminado com veneno, precisamos esperar dois anos pra daí poder certificar (ENTREVISTADA 3).*

A barreira que é exigida na propriedade agroecológica, não é somente nos casos de conversão, mas também em propriedades que já trabalham a muito tempo com a agroecologia mesmo sem nunca ter tido outro modelo de produção. Pois, tem por função, a proteção, minimizando ou evitando a entrada de agroquímicos na propriedade.

Em uma das reuniões de grupo, aparece uma fala que transmite o descontentamento sobre o fato de que o agricultor agroecológico é quem deve fazer a barreira e não o agricultor que trabalha com o convencional. Dessa forma o agricultor participante menciona:

*Acho que deveria ter uma lei que obriga o agricultor convencional de fazer a barreira também, não só os agroecológicos, pois quem está contaminando são eles e não a gente que ainda cuida. Além da gente fazer a nossa parte preservando, ainda temos que se proteger dos venenos (Entrevistado 14).*

Diante do destacado, percebe-se como em alguns momentos o agricultor agroecológico é munido de uma visão enraizada em princípios dos quais refletem elementos de ordem coletiva, ou seja, no sentido de que cada um deve fazer sua parte na questão de preservação do bem comum (natureza), já que estamos compartilhando o meio ambiente.

Nesse contexto de visões de mundo diferenciadas, Ferreira et. al. (2007) lembra que, “para que o ator social se realize como sujeito, ele necessita de um projeto com três elementos indispensáveis: a resistência à dominação, a luta pela liberdade e o reconhecimento do outro como sujeito”. Os agricultores do Núcleo em suas práticas de sociabilidade praticam uma conduta de resistência à racionalidade moderna na medida em que utilizam outras formas de tecnologia para produzir o alimento, ou seja, desde insumos até medicamentos homeopáticos na criação de animais. Existe uma troca de informações referente a esse tema entre os membros da Rede. Praticam a troca de produtos naturais e fazem cursos de homeopatia

vegetal e animal, a fim de obter mais conhecimentos técnicos utilizados na agricultura agroecológica.

No que se refere ao ambiente familiar, além da valorização do meio ambiente preservado, um aspecto que chamou atenção durante a pesquisa, foi à participação das mulheres no trabalho do dia a dia na propriedade. Segundo a agricultora entrevistada 5, *“Eu gosto muito da minha horta e poder vender na feira, para mim é uma terapia poder trabalhar nela”*.

Observou-se que a mulher exerce um papel fundamental tanto no auxílio da produção, quanto no processo de transformação do alimento em comida, em forma de doces, de “quitutes”, ou seja, é como se fosse o pilar da casa, o sustento que dá ânimo ao seguimento das atividades no seio familiar. Por outro lado, novamente a falta de mão de obra é destaque para uma fala que já apresenta cansaço na caminhada e, mais, que externaliza necessitar de ajuda na elaboração dos produtos a serem vendidos. Dessa forma a entrevistada 3 menciona:

*Eu gosto muito do que faço, ajudar na horta na plantação e, a noite as vezes ainda tiro um tempo pra fazer meus quitutes pra vender, as vezes fico até de madrugada. Só tem eu, tenho que me virar sozinha. É cansativo, o certo precisava de ajuda, mas não tem... os filhos já saíram tudo de casa.*

De acordo com Engelmann (2015), pode-se dizer que, as mulheres, auxiliam na promoção do desenvolvimento dentro do contexto agroecológico em que vivem. Nesse sentido, Guevara e Junior (2012) relatam por meio de um estudo de caso, que, as mulheres contribuem por meio do seu trabalho, a promoção do modelo de desenvolvimento agroecológico.

### 3.2 PERCEPÇÕES DOS AGRICULTORES NO AMBIENTE AGROECOLÓGICO

Observa-se que de modo geral os agricultores agroecológicos por meio de suas condutas, são envolvidos e preocupados com valores de equilíbrio e preservação ambiental e, dessa forma, buscam novos conhecimentos que auxiliam nas atividades agroecológicas na propriedade. De acordo com Engelmann (2015) “os modos que caracterizam os agricultores familiares dentro da Rede, constituem formas diferenciadas de enxergar o trabalho no meio rural, bem como estabelecem seus próprios objetivos de vida”. Dessa forma Basso (2013), reforça que:

Ao desenvolverem suas experiências de vida e de produção, os atores sociais lutam para ser percebidos em suas maneiras particulares de conduzir suas ações e para ter acesso ao universal. Engajamento que se expressa num esforço de (re)construção da modernidade, de rompimento com a sua forma mais ambiciosa, que, ao agir conforme os seus valores, a humanidade caminha, simultaneamente, em direção à abundância, à liberdade e à felicidade. (BASSO, 2013, p. 49).

Nesse sentido, a Rede Ecovida reflete uma dinâmica importante tanto na autonomia individual e na construção de projetos de vida dos indivíduos quanto na construção de um projeto coletivo. Nesse sentido, eles não se limitam a questões econômicas, isso caracteriza a Rede Ecovida em todo seu contexto. Observou-se que a autonomia dos agricultores se evidencia quando os mesmos buscam por novos conhecimentos e alternativas, que auxiliam na produção agroecológica. A força de vontade dos agricultores por melhorar e se capacitar se faz presente quando os mesmos se encontram em palestras e oficinas, sempre buscando aprimorar o conhecimento agroecológico. Em uma das palestras ministradas no 8º Encontro Regional de Agroecologia em 2017, o (ERA), os agricultores ao serem questionados “para que serve a agricultura agroecológica no mundo atual”, um dos membros assim respondeu: *“Porque é o fermento na massa”*.

Essa fala demonstra o quanto o conhecimento agroecológico se encontra enraizado em determinados indivíduos, bem como o quanto o otimismo na construção desse conhecimento é de ordem enriquecedora. Da mesma forma, ao serem questionados durante a pesquisa sobre se é possível o avanço da agroecologia na sociedade, mais da metade dos agricultores respondem de maneira otimista. Sendo assim destacam:

*Sim acredito que é possível sim, porque hoje em dia tá crescendo muito as questões relacionadas a alimentação saudável (Entrevistado 5).*

*Do jeito que tá indo as coisas, com tanto veneno na comida, creio que vai crescer a agroecologia (Entrevistado 3).*

*O que eu vou falar pra você? Acho que temos que ter fé que as coisas vão mudar. Acho que pelo fato de ser uma questão de saúde, acredito que vai crescer (Entrevistado 4).*

*[...] eu tenho esperança na Prati-Donaduzzi, querem fazer um projeto onde eles mesmos vão plantar as ervas os chás para fazer a medicação e, ali não vão utilizar agroquímicos e, também exigem um determinado espaço onde as plantas não podem ter contato com veneno. Com esse projeto acredito que vai aumentar a conscientização também de consumir orgânicos” (Entrevistado 11).*

Diante do destacado, podemos dizer que algumas informações científicas impulsionam o pensamento para uma mudança na forma de produzir o alimento, daí o resultado de muitas afirmações aqui mencionadas.

Durante a última década muito tem se falado em problemas sobre os agrotóxicos e o que esses podem ocasionar na saúde das pessoas em geral, tanto as que vivem no meio rural quanto as que vivem nos centros urbanos. De acordo com Boaventura de Souza Santos:

Os impactos na saúde pública do uso intensivo de agrotóxicos são amplos porque atingem vastos territórios e envolvem diferentes grupos populacionais, como trabalhadores em diversos ramos de atividades, moradores nos arredores de fábricas e fazendas, além de todos nós, consumidores, que consumimos alimentos contaminados. Em todos os espaços ou setores da cadeia produtiva do agronegócio, estão comprovadas intoxicações humanas, cânceres, malformações, doenças de pele, doenças respiratórias, tudo decorrente da contaminação com agrotóxicos e fertilizantes químicos das águas, do ar, do solo (SANTOS, 2012, p. 12).

Não obstante, diversas são as pesquisas<sup>5</sup> que demonstram esses problemas acima descritos. A cada ano cresce o número de problemas relacionados com os agrotóxicos e, não é diferente o que aponta o estudo aqui realizado. Ao perguntar aos agricultores por qual motivo optou pela produção agroecológica, a grande parte das respostas dão ênfase às questões relacionadas à saúde e, desse modo, surge mais evidências sobre o impacto negativo da produção que utiliza agroquímicos. Segundo o Entrevistado 4, o mesmo responde: “[...] sentimos na pele o que o veneno faz...sem dúvida optamos pela agroecologia porque senão acho que o veneno já teria me “levado” (ENTREVISTADO 4). Da mesma forma o Entrevistado 15, ao ser questionado o que o motivou a produzir agroecologicamente, o mesmo ressalta:

*[risos] bom no meu caso, a minha filha é parte responsável por isso. Ela era professora numa escolinha e, daí ela sempre levava verduras a pedido de outras professoras e a demanda foi aumentando. Sabe aquele negócio de saberem que é produzido sem veneno...até sempre falavam que o sabor era outro. Devido a isso e por causa de saberem que é um alimento mais saudável...eu fiquei até motivado em aumentar minha produção de verduras”.*

<sup>5</sup> Ver: Associação Brasileira de Saúde Coletiva Dôssie ABRASCO Um alerta sobre os impactos dos Agrotóxicos na Saúde. Agrotóxicos, conhecimento científico e popular: construindo a ecologia de saberes. Grupo Inter GTs de Diálogos e Convergências da ABRASCO X Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva Porto Alegre Primavera de 2012.

Embora as questões sobre o agrotóxico sejam as que mais aparecem quando questionados de o porquê escolher a produção agroecológica, existem também outras questões que vão além e que incluem o fator “vida no campo”. De acordo com a Entrevistada 7, professora do ensino fundamental aposentada, a mesma relata o seguinte:

*[...] a mais ou menos uns 22 anos atrás eu e meu marido compramos essa terra, em torno de dois alqueires. Era convencional e, a três anos depois que viemos morar aqui, a gente começou a plantar tudo orgânico e criar ovelhinhas. Eu sempre pensei que depois que iria me aposentar, gostaria de morar no sítio e ter uma vida mais sossegada mais tranquila. Gosto do contato com a natureza (ENTREVISTADA 7).*

Além desse depoimento, apareceu semelhante relato na 9<sup>o</sup> Entrevista, também de outra professora aposentada, quando menciona o seguinte:

*[...] devido a um sério problema de saúde, cheguei à conclusão que a melhor forma de me tratar seria indo morar no sítio. Quando eu ainda era professora, muitas vezes tinha que pegar atestado e não podia trabalhar por causa desse problema. Eu tive que começar a mudar a alimentação. Então como eu já tinha que ter uma alimentação saudável e, eu sei o que eu plantaria seria sem agrotóxico, eu poderia comer sem medo. E mesmo, depois que eu vim morar no sítio eu curei e tenho uma vida tranquila e com saúde (ENTREVISTADA 9).*

Na fala da entrevista 10 aparece algo relativamente novo, que é a permanência do jovem no campo e sua consequente vontade de seguir nesse meio com determinadas atividades. A entrevistada é uma jovem, de 25 anos, formada em agronomia e relata o seguinte:

*[...] eu tinha alugado uma chácara e comecei a trabalhar com isso no final de 2015, aí eu comecei a trabalhar e conhecer né, aí final do ano de 2016 eu havia comentado com meus pais, que possuem mais terra para o convencional, que tem muito outro espaço ocioso que acaba não usando, aí a gente falou...vamos montar alguma estufa alguma coisa assim pra gente tá trabalhando. A minha mãe estava passando por um momento meio difícil, daí eu decidi também ficar mais perto e comecei a trabalhar lá. O que me motivou a parte agroecológica foi porque eu sempre tive essa vontade de mexer com verduras. Na faculdade não mostra muito esse lado, mas na chácara foi onde eu conheci melhor esse sistema. Eu entrei nesse meio, fui buscando informações e fui conhecendo melhor. Porque assim, eu tinha uma ideia diferente dessa parte de orgânico de agroecológico e, depois fui entendendo melhor e acabei gostando (ENTREVISTADA 10).*



A jovem entrevistada, portanto, produz tomates em uma estufa localizada na propriedade dos pais dela no interior da cidade de Palotina-PR. Teve a iniciativa de produzir tomates orgânicos por ter curiosidade de conhecer melhor como funciona os processos agroecológicos, buscando assim uma fonte de renda alternativa. Atualmente participa na feira agroecológica que se dá toda quinta-feira na União de Toledo. Os “tomatinhos” que ali vende se encontram em processo de certificação.

Em se tratando de tecnologias, no caso de insumos agroecológicos, depara-se com as seguintes situações: No caso da 2ª família entrevistada, os quais possuem uma agroindústria, os mesmos relatam que existe o problema no abastecimento de matéria prima para a produção de macarrão caseiro. Assim apontam que:

*[...] existe uma dificuldade de encontrar insumos orgânicos, como ovos, leite...e isso atrapalha na produção do macarrão, porque para ser certificado tem que ser tudo agroecológico os ingredientes que vão na massa. Eu quero daqui uns tempos tentar produzir mesmo tudo o que precisa. Na verdade, eu gostaria ser 100% autossuficiente agroecologicamente (ENTREVISTADA 2).*

O problema da falta de insumos agroecológicos não se esgota apenas em uma propriedade. Na entrevista 7, também aparece uma fala similar a anterior. Dessa forma temos:

*[...] a gente tem um pouco de dificuldade na hora de obter insumos orgânicos para a criação dos “bichinhos”. É difícil, não tem. Daí a gente mesmo tem que fazer o trato deles. Porque não dá, tem que ser tudo agroecológico, desde a alimentação dos animais. Também a medicação é tudo homeopática e dá um bom resultado (ENTREVISTADA 7).*

Além dessa dificuldade de encontrar insumos agroecológicos, outro incômodo por parte da maioria dos agricultores é a questão de falta de recurso, na linha agroecológica e para agroindústrias, para fazer financiamentos de ferramentas que auxiliam no trabalho. O agricultor que, é proprietário da agroindústria, relata que gostaria e necessita adquirir outras máquinas para o processamento do macarrão, porém, a questão financeira não possibilita essa aquisição. Outras opiniões que se relacionam dentro desse contexto também, apareceram quando questionados sobre o que a agroecologia necessitava para sua expansão na sociedade? E as respostas

que mais apareceram tem relação com a palavra incentivo. Assim destaca-se as seguintes falas:

*É preciso mais conscientização, mais incentivo...tipo porque o convencional cresceu tanto? Porque tem incentivo, ajuda. Eu penso que tem que se fazer um trabalho de incentivo também com as crianças, porque afinal, como se fala, é de pequeno que se torce o pepino” (ENTREVISTADO 12).*  
*Precisa mais conscientização, acesso ao crédito e também mais incentivo do próprio governo (ENTREVISTADO 6).*

Essas percepções, demonstram que a agroecologia se encontra em fase de construção dentro da sociedade e que a passos lentos vai se expandindo por meio das informações sobre alimentação saudável. Algo ainda que pode ser muito discutido, praticado e desenvolvido por meio da educação, que é o pilar das transformações numa sociedade.

### 3.3 PERSPECTIVAS SOCIAIS: ORGANIZAÇÃO DOS GRUPOS (REUNIÕES), FUTURO DOS FILHOS, CAPACITAÇÃO E QUALIDADE DE VIDA

As famílias agricultoras de cada grupo dentro do Núcleo, necessitam, se reunir a cada mês para a articulação de informes importantes relacionados à atualização de informações sobre a certificação. Referente a isso, Kubo (2009, p. 136) menciona que, [...] “as metodologias participativas buscam privilegiar a dimensão de grupo na análise e tomada de decisões, é necessário, por outro lado, atentar para o fato de que todos os aspectos grupais se fazem presentes em meio à relação de poder”. Engelmann (2015), destaca que, para, além disso, a metodologia participativa da Rede, é um momento de troca de experiências e de integração, o que reforça a importância dos objetivos propostos pela mesma.

Os agricultores reforçam que a participação em tais reuniões são, importantes para continuarem a ser membros dentro da Rede Ecovida, além de ser necessário, pois a certificação tem característica participativa. No entanto, durante a pesquisa participante, observou-se que nas reuniões bimensais do Núcleo, no município de Santa Helena, existe uma deficiência na presença de agricultores. O número de agricultores presentes é baixo, denotando algum problema. É algo que deve ser explorado para que se encontre a causa e, por conseguinte ser solucionada a questão da baixa adesão neste município.

A figura 3 destaca um momento de reunião participativa que se deu em uma determinada propriedade de um agricultor certificado pela Rede Ecovida.

**Figura 3 - Foto da reunião participativa**



**FONTE: O Contexto Agroecológico dos Agricultores Familiares e suas Percepções no Núcleo Oeste do Paraná da Rede Ecovida: Perspectivas, Avanços e Desafios, 2018.**

De acordo com Perez (2012), é por meio das reuniões, bem como dos encontros anuais e mensais da Rede, que se estabelecem relações de fortalecimento da agroecologia e de aumento do conhecimento acerca da mesma.

Nota-se que o esforço, a participação e o engajamento das famílias agroecológicas pertencentes ao Núcleo Oeste do Paraná da Ecovida têm um diferencial no sentido de desenvolver uma produção de alimentos, um ambiente rural e um ecossistema mais saudável, preocupados dessa forma, com as gerações vindouras.

Outros dados relevantes acerca das famílias entrevistadas se referem à idade dos mesmos, o número de filhos e seus respectivos desejos de continuar no ambiente rural, dando assim ênfase no que chamamos de sucessão familiar. De modo geral, grande parte dos filhos, ou já saíram da propriedade rural e, os que estão, almejam outras possibilidades de emprego, dando margem, portanto, ao próprio problema da sucessão familiar no campo e da falta de mão-de-obra preparada para dar continuidade à produção agroecológica.

Ao falarem sobre os filhos, os agricultores deixam claro que, apesar de quererem uma “vida melhor” para eles no sentido de estudarem e terem outro emprego, os mesmos gostariam que os filhos permanecessem no meio rural e

seguissem com o trabalho dos pais. De acordo com Brumer e Anjos (2008, p. 12) “uma das questões a serem consideradas nas análises das estratégias de reprodução na agricultura familiar diz respeito às condições econômicas dos processos sucessórios nesta atividade. Assim destacam-se o tamanho das propriedades e as diferentes possibilidades de inserção nos mercados de produtos agrícolas”.

São vários os motivos pelo qual um filho escolhe ficar ou não na propriedade familiar. A pesquisa mostrou que, duas famílias contemplam a sucessão, ou seja, uma delas teve como motivo o falecimento da mãe e, portanto, a filha assumiu juntamente com o pai o seguimento de uma agroindústria. No outro caso, a filha acabou voltando para a propriedade dos pais, cujos, já idosos necessitavam de auxílio nas atividades rurais. Cardon (2004) *apud* Brumer e Anjos (2008, p.10) lembram que:

Tais possibilidades dão origem a várias estratégias econômicas, como a “integração” a agroindústrias, a “pluriatividade”, a busca de sistemas de produção alternativos e o comércio direto em feiras, aliado ou não à produção “ecológica”. As condições culturais de exercício da atividade agrícola também estão ligadas a estratégias de reprodução na agricultura familiar, particularmente a estratégias sucessórias. A valorização social e adesão à identidade de agricultor podem variar segundo os contextos sociais (CARDON, 2004, p. 270 *Apud* BRUMER, ANJOS, 2008, p. 10).

A pesquisa aponta, portanto, que a pluriatividade é algo que está contemplada, ou seja, pelo menos em uma das famílias os filhos trabalham em casa e ao mesmo tempo possui outro trabalho fora do estabelecimento familiar, auxiliando desse modo na renda familiar. Assim sendo a Entrevistada 4 menciona: *“Todos meus filhos trabalham fora, mas os meus dois meninos quando voltam da escola ou as vezes depois do trabalho ainda me ajudam nas entregas das verduras”*.

Em relação às estratégias que as famílias utilizam para que os filhos permaneçam ou pelo menos auxiliem em horas extras são muito relativas, ou seja, geralmente deixam liberdade de escolha para os mesmos. Nesse sentido vai de encontro no que Bourdieu (1994, p.7) menciona que, “a implementação de tais estratégias se dá de acordo com o estado dos mecanismos socialmente objetivados de reprodução social (tais como os “mercados” econômico, escolar, matrimonial, de trabalho e as regras jurídicas) e as chances diferenciais de ganho que estes oferecem para os indivíduos e/ou famílias”.

Outro aspecto social explorado na pesquisa tem relação com a capacitação que os agricultores devem fazer a fim de obter mais conhecimento sobre a agroecologia com o objetivo de facilitar o manejo na produção. Assim os agricultores mencionam que buscam sempre se atualizar através de cursos, como os de homeopatia vegetal e animal, as caldas repelentes, as compostagens, dentre outros. Além desse aspecto social incluindo a capacitação dos agricultores, a qualidade de vida, também é investigada, sendo que, unanimemente os agricultores mencionam que sentem que a qualidade de vida melhorou e, que sem dúvida está presente no ambiente agroecológico. Desse modo relatam que a qualidade de vida se dá seja por meio do próprio ambiente em que vivem, seja pela alimentação de produtos sem agrotóxicos, que eles mesmos produzem e pelo simples fato de viverem no meio rural.

### 3.4 OS MERCADOS ACESSADOS PELAS FAMÍLIAS

A pesquisa aponta que a maior parte dos agricultores detém a venda direta como forma de comercialização de seus produtos, seguida por venda em feiras e também a venda escolar para o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE).

Dos produtos comercializados, temos as verduras, os legumes e raízes como sendo os itens que mais se destacam. Outro produto com o mesmo destaque, porém tendo menos produção são as frutíferas e por fim, vêm os produtos minimamente processados, como pães e bolachas. Das famílias entrevistadas, duas também possuem a produção de ervas “chás” como a produção destaque.

Identificou-se algumas dificuldades em torno da comercialização dos produtos. Os agricultores relatam ter dificuldades em relação à oferta e a demanda. Segundo o Entrevistado 1, a demanda por alimentos orgânicos é maior que a oferta. O mesmo destaca o seguinte:

*[...] não tenho problema com comercialização. E quanto mais a gente tem melhor é. Eu tenho uns pedidos de hotel lá de Foz e não consigo atender, então estou dando preferência pro pessoal daqui né, mas se eu tivesse dez vezes mais vendia tudo. Eu já fui presidente da ACEMPRE então a gente fez um planejamento, a gente planejou um crescimento de no mínimo 30% ao ano. Há mas daí faltou incentivo por argumento de falta de mercado. Há mas não tem mercado. Eu disse...mercado? Não tem mercado? Não tem é comercialização, ou seja, falta logística, falta é produção. Só em Foz eu poderia vender imediatamente pro Hotel...o HMCC eles queriam*

*1500 refeições por dia né. A Itapu Binacional queria 1300. Aí fui falar com o Sindicato dos hotéis e, olha há nós precisamos de pelo menos 5000 refeições orgânica por dia, nós compramos imediatamente. E em São Paulo disseram que o que vocês produzirem nós compramos, não tem limite e nós pagamos o frete (ENTREVISTADO 1).*

Diante do relato percebe-se que existe uma maior possibilidade/probabilidade de venda se tivessem oferta suficiente. Frente a isso, Magnanti (2008) destaca:

Historicamente, a comercialização tem sido um gargalo para a expansão da Agroecologia. Normalmente existe dificuldade em manter os mercados locais abastecidos com diversidade, quantidade e qualidade durante o ano todo. Assim sendo, um grupo de instituições de agricultores familiares agroecológicos e algumas entidades de assessoria tomaram a iniciativa de se articular para resolver essa limitação. A partir do trabalho coletivo dessas organizações foi criado o Circuito Sul de Circulação de Alimentos da Rede Ecovida de Agroecologia. (MAGNANTI, 2008, p. 26).

Por outro lado, verificou-se uma exceção quando se trata de exportação de determinado produto. Ao realizar a pesquisa em uma agroindústria certificada pela Ecovida, deparou-se com uma situação que expõe algumas características a parte, cuja é a e venda para fora do município. Ou seja, existem alguns problemas já relatados por outros entrevistados, no entanto, o mercado local nesse caso não aparece. Ao ser questionado se entrega para a merenda escolar ou mesmo para os mercados locais, a entrevistada responde:

*[...] como dizem, santo de casa não faz milagre. Tem gente que nem sabe que eu tenho essa indústria de macarrão aqui. As pessoas as vezes nem se interessam por isso. E no caso da merenda, a prefeitura também não quer saber (ENTREVISTADA 5).*

Embora as questões relacionadas a aceitação omercial ainda sejam um desafio a ser superado, os agricultores valorizam, também, outras questões relacionadas com o mercado. De acordo com Basso (2013, p. 49):

*[...] compartilha-se com o pressuposto de que os atores sociais, ao tomarem consciência do efeito “deculturativo” da sociedade centrada no mercado, implementam condutas objetivando estabelecer outros sentidos às suas práticas sociais. Os atores sociais, por meios de suas práticas sociais atribuem outras significações às suas condutas, revelando outros sentidos em suas ações. De modo que se recusam a permanecer limitados a condutas guiadas pela lógica da sociedade moderna centrada no mercado.*

Essas diferentes significações a qual Basso se refere, são trazidas entre linhas durante as entrevistas com os agricultores. Muitos deles valorizam mais a própria qualidade de vida que o ambiente agroecológico possibilita. Para eles, o “lucro” em si não tem peso exclusivo e determinante nas decisões tomadas em seus projetos. Talvez isso explique os desafios nas questões de mercado pelas quais os mesmos passam, quando não estão tão preocupados com o financeiro, automaticamente as relações mercantis visando lucro acabam não existindo e, dessa forma, revelam a negação pela lógica moderna do mercado. É algo sutil, não é uma regra, mas que está presente no contexto agroecológico. Por outro lado, ao analisar a relação que os agricultores têm com o meio agroecológico, observou-se que, por mais que os membros se dediquem a essa produção e ao mesmo tempo a defendam, em alguns casos não se vê enraizado neles o que chamamos de “projeto de vida”, ou seja, não concebem a agroecologia dessa forma. Essa observação aparece ao serem questionados referente à importância da Rede. Grande parte dos agricultores afirmam que a mesma é importante pelo fato de conseguirem certificar o produto. Diante disso, abre-se espaço para interpretações que levam a pensar que, a Rede, é mais uma oportunidade para um negócio, tendo em vista que a certificação “abre portas”.

Não se esgota por aqui as respostas pelas quais o mercado (comercialização) é algo complicado para agroecológicos, existe uma gama de fatores que dificultam desde a produção até a comercialização. Avaliando o campo das tecnologias, uma das causas que acaba impactando e que é mencionada por cem por cento das famílias entrevistadas, é a falta de mão-de-obra e até mesmo o capital social. Para Bourdieu (2004, p. 34) “ o capital social de um indivíduo seria diretamente relacionado à rede de relações sociais que tal indivíduo consegue mobilizar em favor de alguma ação que deseja realizar e/ou de um objetivo que pretende alcançar”. Em se tratando de falta de mão de obra, o entrevistado 1 destaca: *“Para mim o mercado não é problema...eu iria até aumentar a produção...mas á, só tem uma coisa, falta mão de obra. E isso tenho certeza que vai aparecer em todos os agricultores”*.

Diante da abordagem, não podemos ignorar o fato de que, a Agroecologia requer uma forma diferente de trabalho e demanda mais mão-de-obra, pressupõe

que uma organização social requer capital social, sobretudo, de conhecimento técnico, organizativo e de políticas públicas.

Ao analisar esse dado, pode-se também deduzir, que, os problemas em torno da comercialização, estão certamente ligados desde a produção, ou seja, na falta de mais membros da família para auxiliar no aumento da produção para então, poder preencher as lacunas do mercado agroecológico. Em geral as famílias possuem um limite de capacidade produtiva de alimentos, no entanto, quando esse limite de demanda extrapola, o produtor já não mais consegue dar conta, afetando desse modo todo processo de crescimento da própria agricultura agroecológica.

Os produtores agroecológicos e, sobretudo, certificados são certamente beneficiados ou compensados pelas políticas públicas, por exemplo, pelo PNAE, este propicia que a venda do produto certificado tenha um acréscimo de 30% no valor. Dos agricultores certificados a maioria dos entrevistados vende seus produtos para o mercado institucional desse programa, auxiliando os mesmos no sentido de se sentirem estimulados a produzir e ao mesmo tempo incentivados a seguir no setor agroecológico. Durante a pesquisa a entrevistada 4 relata a importância do PNAE e ao mesmo tempo se sente estimulada a produzir um alimento mais saudável para as crianças da escola. Dessa forma fala o seguinte: [...] *“a produção orgânica não é fácil, mas daí eu penso que eu entrego esse alimento na escola e não posso abandonar esses aluninhos”*.

Portanto, se existem limitantes, esses são supridos por fatores que vão além do econômico, cujos cabem bem na agroecologia, pois como já sabemos, essa inclui também condicionantes sociais. De modo geral, os agricultores da pesquisa, possuem o sistema de venda direta dos seus produtos, além de participarem do PNAE, bem como de feiras.

As questões relacionadas com feiras como, por exemplo, a construção de um novo mercado e a organização, são, no entanto, um tanto complexas devido às próprias visões de mundo que se estabelecem por meio dos diferentes atores sociais. Ao participar das reuniões do núcleo que ocorrem a cada dois meses, observou-se que parte dos membros estão preocupados em realizar feiras orgânicas/agroecológicas na região, principalmente na cidade de Foz do Iguaçu-PR. Porém, ocorre que muitos dos agricultores já estão com mercados concretizados e a falta de reciprocidade nesse sentido de apoio na construção de um novo mercado,



acaba gerando conflitos. Um participante da Rede durante a reunião lembrou que: “a feira também é uma construção social e que é necessária essa discussão, no sentido de encontrar um entendimento buscando por meio da inserção da feira agroecológica expandir o consumo de alimentos mais saudáveis e levar um diferencial ao consumidor”. Trabalhou-se com a hipótese da tentativa, ou seja, de tentar fazer a feira e ver quais serão os resultados. Atualmente, portanto, alguns agricultores de Foz do Iguaçu - PR, membros da Ecovida, já estão vendendo toda sexta-feira seus produtos na Feira Agroecológica estabelecida no chamado “Gramadão” do bairro residencial Vila A. Um dos entrevistados faz parte da feira e, ao ser questionado sobre a mesma, não demonstra muito interesse e um tanto descontente destaca:

*Pra mim quase não compensa vim fazer a feira. As estradas também não ajudam sabe. Acho que se eles querem que aumente a produção agroecológica, eles também deveriam de ajudar o agricultor nas estradas. Eu também tô querendo reduzir a produção, só tô esperando a minha esposa aposentar e aí a gente decide melhor o que fazer.*

Diante do exposto, outro aspecto muito observado é sobre as complexas questões relacionadas ao individualismo, embora se trabalhe em Rede, existe uma ausência de interação ou de consensos em certos momentos. Em relação à feira, uma das participantes sugere levar uma proposta de rodízio de agricultores de Foz do Iguaçu - PR, nos dias de venda, ou seja, digamos que a feira é uma vez por semana, cada semana um agricultor poderia ficar responsável pelas vendas ajudando dessa forma a vender os produtos de cada produtor. Assim se estabeleceria o que Bourdieu concebe como capital social.

Dentro da concepção de capital social como rede de relacionamentos passíveis de mobilização, a ideia de confiança ocupa um papel importante, pois a confiança entre os membros do grupo de que se pode contar com os recursos dos demais quando for necessário que gera a solidariedade necessária para a mobilização conjunta, seja através da utilização dos recursos alheios, seja através da disponibilização dos recursos próprio em favor do outro membro (FIALHO, 2004, p. 32).

Mesmo dentro de uma rede com expressão de elos que se inter-relacionam com o mesmo objetivo, ainda assim, existe certo nível de hierarquias que esbarram numa forma de poder. Nesse sentido é perceptível que em certos momentos

ocorram impasses e discussões que tornam difícil uma tomada de decisão sobre certos assuntos pertinentes aos grupos, membros e núcleo no interior da Ecovida.

### 3.5 OS CONSUMIDORES

Tão importante quanto à participação dos agricultores na construção do conhecimento agroecológico, é também a participação dos consumidores, como protagonistas para contribuir na expansão da perspectiva agroecológica através do aumento do consumo de alimentos saudáveis provindos dessa racionalidade produtiva.

A pesquisa oportunizou acompanhar algumas feiras realizadas nos Campi da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste) e, recentemente na feira do Gramadão na cidade de Foz do Iguaçu - PR, no Bairro da vila 'A'. Ao participar de uma feira agroecológica na Unioeste do campus de Toledo - PR, observou-se uma situação que reflete sobre a relação de confiança que se estabelece ao longo do tempo entre consumidor e produtor. O fato ocorrido chamou atenção para a pergunta que determinada consumidora fez para a senhora que estava vendendo os produtos na banca. Deixa claro a sua desconfiança ao perguntar: *“Mas esse produto é mesmo orgânico, sem veneno”?*

Diante da pergunta, a agricultora um tanto desconcertada explicou como funcionava o processo de certificação. Aí a consumidora relata que ouviu dizer que os agricultores da feirinha utilizavam, sim, agrotóxico. Logo outra agricultora que ali também vendia seus produtos, defendeu dizendo que era discurso da concorrência e, dessa forma, acabou minimizando a desconfiança da consumidora. Uma situação que mostra o quanto é demorado estabelecer e concretizar a relação de confiança. Isso requer conhecimento, diálogo e muito respeito, os quais englobam a tão reivindicada ética nos tempos sociais contemporâneos. Embora os produtos sejam certificados e, exista todo um processo para certifica-los, esse pareceu não ter muito significado nesse momento. Lembrando que os produtos possuem o selo, ou seja, o consumidor tem acesso a essa informação na rotulagem. Em tempo, vale ressaltar que o fato ocorrido, é isolado, mas que traz à tona questões de reciprocidade e confiança.

Já na feira localizada no chamado Gramadão da Vila 'A', na cidade de Foz do Iguaçu – PR, o que se observou é que a quantidade de pessoas que frequenta a feira ainda é muito reduzida. É possível que alguns fatores possam estar contribuindo para essa realidade, como, o fato da feira ser recente, pouca divulgação, o mito dos preços altos dos produtos orgânicos<sup>6</sup>, a resistência na mudança de hábito alimentar (comodismo), entre outros fatores que abrem leque para uma futura pesquisa mais aprofundada nesse sentido. Diante disso temos a reflexão de Fátima Portilho (2009), que nos lembra que o consumo é um ato político. De acordo com a autora “o relativo crescimento da liberdade de escolha dos consumidores é conectado a uma busca pela emancipação, identidade pessoal e autonomia na esfera privada, apontando para novas formas de ação política” (PORTILHO, 2009, p. 213-214). Em suas reflexões sobre o consumo politizado destaca que as escolhas individuais estão relacionadas às questões de ordem social e muitas vezes são influenciadas pelo contexto em que vivemos.

Seis consumidores foram entrevistados, todos eles com graduação e dois com pós-graduação. Todos mencionaram conhecer sobre a produção em bases agroecológica e orgânica. Um dado relativamente bom, embora devêssemos considerar que os entrevistados tenham estudo de nível superior, o que facilita esse conhecimento. Desses entrevistados alguns aspectos importantes puderam ser coletados, como o exemplo da periodicidade no consumo dos alimentos orgânicos, onde dois mencionaram consumir na maioria dos dias da semana e os outros quatro entrevistados, duas vezes por semana, o que indica um bom índice de consumo dentro dessa amostragem.

Ao serem questionados, se acaso não consomem diariamente orgânicos, quais seriam os motivos, os entrevistados destacam que a oferta irregular, a falta de estabelecimentos, a distância entre a residência e o local de venda e os preços elevados (no caso do supermercado) são barreiras que dificultam o consumo de alimentos saudáveis agroecológicos.

De modo geral os consumidores agroecológicos atribuem a sua escolha pelo fato do alimento ser sem agrotóxico, nesse caso, certificado, ter melhor sabor além

---

<sup>6</sup> A questão de preço dos produtos orgânicos se torna um mito quando se trata de feiras, de venda local. No entanto, essa resistência na compra de produtos orgânicos devido os preços, é pelo fato das pessoas não encontrarem preços acessíveis, por exemplo, em supermercados. Ver pesquisa: Consumo de produtos orgânicos no Brasil. 2017. Parceria: Organics, Market Analysis.

de fazer bem à saúde. Ao serem questionados, portanto, sobre o consumo de alimentos orgânicos os mesmos mencionam o seguinte:

*Nossa qualidade de vida depende tanto de uma alimentação saudável quanto de maneiras de cultivo que não agridem o meio ambiente (Consumidor 1).*

*Os alimentos orgânicos são mais saudáveis e saborosos por não receberem defensivos químicos em sua produção (Consumidor 4).*

*Acredito que é importante o consumo uma vez que os alimentos industrializados possuem muitas substâncias sintéticas e conservantes que além de fazer mal para saúde, são produzidos através da exploração de animais (testes) e trabalho escravo (produção em massa) e baixos salários (condições insalubres) (Consumidor 3).*

*Acho que deve ser estimulado pois o benefício é a longo prazo e não pode ser percebido imediatamente. Contudo os preços ainda são muito elevados e criou-se uma glamourização que não deveria existir porque nada mais é do que um alimento produzido livre de certos agroquímicos. Existe ainda uma desconfiança muito grande devido à pouca rastreabilidade dos produtos por parte das associações ou cooperativas. Já soube de alguns casos onde os produtores utilizavam esterco onde foi detectado antibiótico, então acho que a rastreabilidade seria um caminho para elevar a confiabilidade do consumidor (Consumidor 2).*

Ao analisar as falas, novamente aparecem dois elementos já discutidos no texto, um referente à confiança e outro relativo a preços dos alimentos orgânicos. Nota-se que nesses casos o consumidor talvez não tenha o total conhecimento de como funciona o processo de certificação da Rede Ecovida. Devido à pergunta ter sido aberta e não direcionada diretamente aos produtos certificados pela Rede, possibilitou respostas também mais abertas e de opiniões mais abrangentes sobre os alimentos orgânicos. Do mesmo modo àquele que respondeu sobre os preços ainda serem elevados, pode-se imaginar que poderia estar se referindo aos preços dos produtos orgânicos encontrados em supermercados, já que os valores de um mercado de proximidade possuem na maioria das vezes valores acessíveis.

As questões referentes ao consumo são complexas e podem incluir uma diversidade de “porquês” a maneira como os indivíduos direcionam suas escolhas.

A pesquisa revelou também que muitos dos consumidores sequer conhecem o selo de garantia de alimento orgânico. Também não possuem conhecimento sobre como funciona o sistema de certificação da Rede Ecovida, o que reforça isso, são as dúvidas e as perguntas que os consumidores fazem ao produtor, questionando a veracidade sobre o alimento ser realmente agroecológico.

Questões de fundo teórico são ainda mais complicadas quando se referencia o consumidor, por exemplo, sobre diferenciar alimento orgânico de agroecológico.

Alguns consumidores vão conseguir fazer essa diferenciação, mas muitos ainda carecem de conhecimento. Isso demonstra que a informação e mesmo o conhecimento ainda são peças chaves para a transformação de uma sociedade que possa reivindicar por uma produção e uma oferta de alimentos livres de agroquímicos.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nesta dissertação analisaram-se as práticas, as condutas e percepções dos agricultores agroecológicos, membros do Núcleo Oeste do Paraná da Ecovida, bem como o comportamento do consumidor relativo a alimentos agroecológicos. Observando o contexto das propriedades, verificou-se que os agricultores estão dedicando esforços para implementar uma produção de alimentos mais saudáveis. Contudo, constatou-se dificuldades e, desafios relacionados à agricultura agroecológica. Identificou-se no sistema produtivo dos agricultores agroecológicos, carências do tipo tecnológicas e sociais, tais como, falta de insumos agroecológicos, falta de mão de obra e problemas relacionados com a sucessão familiar no meio rural. Em relação à comercialização dos produtos direcionados à um mercado agroecológico, encontrou-se uma dificuldade em termos de demanda *versus* oferta. Observou-se que existe uma demanda por alimentos saudáveis sem agrotóxicos, no entanto, o limite de produção do agricultor não supera essa demanda. Referente a opinião dos agricultores sobre a vida no meio rural, sobretudo, num sistema agroecológico, os mesmos relatam ter uma boa qualidade de vida, acreditam que depois que iniciaram esse modelo de agricultura, a saúde melhorou. Também gostariam que os filhos permanecessem no meio rural e seguissem trabalhando com a agroecologia. Assim, almejam uma melhor qualidade de vida e lutam para serem percebidos a partir de seu trabalho agroecológico.

Já no universo do consumidor buscou-se entender as opiniões dos consumidores enquanto uma alimentação saudável proveniente de um contexto agroecológico. Percebe-se que existe um conhecimento acerca da alimentação saudável, no entanto, a participação desse consumidor ainda se encontra num estágio de baixa presença. Conforme, portanto, o estudo aqui destacado, observou-se que a dinâmica agroecológica dos agricultores membros desse Núcleo, resulta de

um trabalho em Rede com o objetivo de promover a sustentabilidade por meio da agricultura agroecológica, valorizando assim a agricultura familiar não convencional. Em se tratando de Rede, observou-se que os agricultores recebem apoio técnico de órgãos não governamentais como a Biolabore e o CAPA (Centro de Apoio a Promoção da Agroecologia), bem como a importante participação da Itaipu Binacional no incentivo às práticas mais sustentáveis na agricultura.

Ao participar dos encontros, reuniões e palestras da Rede, pôde-se fazer algumas observações pertinentes e que contribuem para o entendimento de alguns dos fatores que influenciam na dinâmica das práticas agroecológicas. Não obstante, os resultados que tangenciam também a pesquisa, não somente trazem consigo respostas positivas ao modelo agroecológico, tendo em vista que, todo processo pesquisado envolve uma gama de fatores que tendem ora para contribuições positivas ao desenvolvimento das práticas agroecológicas e ora tendem para dificuldades, problemas e desafios que impactam para uma melhora contínua e eficaz do modelo agroecológico. Percebe-se no decorrer da pesquisa que ainda existe uma longa caminhada a ser feita no sentido de expandir e consolidar práticas produtivas na perspectiva da agroecologia e, da mesma forma, quebrar paradigmas ainda muito resistentes (resquícios da Revolução Verde) que orientam as práticas agrícolas na região que abrange o universo estudado.

A pesquisa teve alguns obstáculos quanto ao deslocamento para a coleta de dados, ou seja, como havia uma dependência dos técnicos da ATER (Assistência Técnica de Extensão Rural) ao realizar as visitas para as entrevistas, nem sempre a agenda dos técnicos era sincronizada com a agenda dos agricultores, o que gerou um certo desconforto, mas que ao final da pesquisa foi superado. Surge, então, uma oportunidade de convivência em propriedade de agricultor membro da Rede, o que possibilitou uma melhor absorção de conhecimento e entendimento referente as questões pesquisadas.

Uma interessante e importante observação é referente aos motivos pelos quais esse agricultor escolheu a agroecologia, que, na maioria das vezes resulta por questões de saúde e está ancorada numa perspectiva por uma vida com hábitos mais saudáveis, o que reforça o resultado muitas vezes de experiências malsucedidas e negativas de uma agricultura convencional.

Observou-se que o caminho para uma agricultura mais sustentável já foi aberto, no entanto, existem alguns obstáculos a serem enfrentados principalmente onde se estabelece o Núcleo em questão, devido o predomínio da agricultura de racionalidade convencional na região. Nesse sentido, podemos destacar alguns pontos que dificultam o crescimento da agroecologia, como é o caso da falta de mão de obra, o uso abusivo de agrotóxicos nas propriedades de agricultura convencional, falta de garantia de financiamentos, a não sucessão familiar, entre outros.

Verifica-se a necessidade da valorização da agricultura familiar moderna não convencional, especialmente a de base ecológica e, que seja cada vez mais enaltecida dentro da sociedade, para que a sustentabilidade na agricultura possa ser uma realidade mais presente e não tão distante como tem-se observado. A própria questão da sucessão familiar aparece como um dado preocupante e que necessita de atenção e de um estudo mais aprofundado a fim de entender a raiz do problema.

A finalização da dissertação culminou com a greve dos caminhoneiros que se deu no final do mês de maio de 2018. Momento esse propício para uma reflexão sobre como estamos dependentes de produtos alimentares de cadeias longas. Torna-se oportuno refletirmos sobre como se encontra a valorização do consumo de produtos locais e, sobretudo, como valorizamos agricultores que produzem alimentos sem agrotóxicos e, vendem localmente no que se enquadra no mercado de cadeia curta. A greve, no entanto, mostrou que esses agricultores ao estarem inseridos em cadeias curtas de produção contribuem de forma relevante para a segurança alimentar.

Nota-se que a pesquisa acerca da agroecologia se torna um estudo pertinente e importante na atualidade, frente ao grande debate em torno do desenvolvimento rural sustentável e seus sinais de emergências de outras maneiras de fazer agricultura e viver o meio rural.

## 5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRASCO; **Agrotóxicos, conhecimento científico e popular: construindo a ecologia de saberes.** Porto Alegre: Primavera de 2012.

ALMEIDA, Regis Rodrigues; **Agricultura Familiar;** Mundo Educação; Disponível em: <<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/agricultura-familiar.htm>> Acesso em 28 de jan. 2018 às 20:00.

ALTIERI, M. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável.** 4ed. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

BATALHA; Mário O.; BUAINAIN; Antônio M.; SOUZA FILHO; Meirelles. **Tecnologia de gestão e agricultura familiar;** Disponível em: <[www.sober.org.br/palestra/12/02O122.pdf](http://www.sober.org.br/palestra/12/02O122.pdf)> acesso em 24/10/15 às 20:30.

BATALHA, Mário O; TOLEDO, José Carlos de; AMARAL, Daniel Capaldo; **Qualidade na Indústria Agroalimentar: situação atual e perspectivas;** RAE-Revista em Administração de Empresas• v. 40• n. 2• Abr./Jun. 2000.

BÜTTENBENDER, Pedro Luís; ZAMBERLAN, Luciano; SPAREMBERGER, Ariosto; **O Comportamento do Consumidor de Produtos Orgânicos e seus Impactos nas Estratégias de Marketing;** 30º Encontro da ANPAD 23 a 27 de set. de 2006 Salvador/BA-Brasil. Disponível em:<<http://www.anpad.org.br/enanpad/2006/dwn/enanpad2006-gctd-2027.pdf>.> Acesso em 25 jun. 2016 às 20:00.

BASSO, Dirceu; GEHLEN, Ivaldo; **Agricultores familiares modernos e diversos, Revista Orbis Latina,** vol.5, nº2, Foz do Iguaçu/ PR (Brasil), Janeiro-Dezembro de 2015. ISSN: 2237-6976 Disponível em <<https://revistas.unila.edu.br/index.php/orbis>> Acesso em 25 de jun 2016.

BASSO, Dirceu; **Racionalidades modernas e identidades socioprofissionais de agricultores familiares;** Tese (Doutorado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Porto Alegre, BR-RS, 2013, 238 f.

BRASIL; Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **PAA: 10 anos de aquisição de alimentos.** Brasília, DF: MDS; Secretaria Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional; Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação, 2014.

BRUMER; Anita; ANJOS; Gabriele dos; **Gênero e reprodução social na agricultura familiar; Revista NERA;** Presidente Prudente Ano 11, nº. 12 pp. 6-17 Jan.-jun./2008. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/view/1396/1378>. Acesso em: 29/01/2018 às 23:00.

BUAINAIN, Antônio M.; **Agricultura familiar, agroecologia e desenvolvimento sustentável: questões para debate /** Antônio Márcio Buainain; colaboração de Hildo Meirelles de Souza Filho.- Brasília.-- Brasília:IICA,2006. 136p.;15 x 23 cm.— (Desenvolvimento Rural Sustentável ;v.5).



CAPORAL; Francisco Roberto; COSTABEBER José Antônio; **Agroecologia e Extensão Rural Contribuições para a Promoção do Desenvolvimento Rural sustentável**; Porto Alegre (RS) 2004. Disponível em: <[http://www.emater.tche.br/site/arquivos\\_pdf/teses/agroecologia%20e%20extensao%20rural%20contribuicoes%20para%20a%20promocao%20de%20desenvolvimento%20rural%20sustentavel.pdf](http://www.emater.tche.br/site/arquivos_pdf/teses/agroecologia%20e%20extensao%20rural%20contribuicoes%20para%20a%20promocao%20de%20desenvolvimento%20rural%20sustentavel.pdf)>. Acesso em 27 out. 2015 às 00:48.

CAPORAL; Roberto Francisco; **Agroecologia: uma nova ciência para apoiar a transição a agriculturas mais sustentáveis**; Brasília: 2009, 30 p. Disponível em: <<http://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/bitstream/doc/911596/1/LVAgroecologia.umacienciaparaapoiar.pdf>>. Acesso em 27 out. 2015.

CARMO, M. S. do. A produção familiar como locus ideal da agricultura sustentável. In: FERREIRA, A. D. D.; BRANDEMBURG, A. **Para pensar outra agricultura**. Curitiba: UFPR, 1998.

CASTRO NETO; Nelson de; DENUZI; Vanessa Stafusa Sala; RINALDI; Rúbia Nara; STADUTO; Jefferson A. Ramundo; Produção orgânica: uma potencialidade estratégica para a agricultura familiar; **Revista Percursos- NEMO**; Maringá, v. 2, n. 2, p. 73-95, 2010 ISSN: 2177- 3300 (on-line). Disponível em: <<http://foz.ifpr.edu.br/wp-content/uploads/2013/12/PRODU%C3%87%C3%83O-ORG%C3%82NICA-UMA-POTENCIALIDADE-ESTRAT%C3%89GICA.pdf>>. Acesso em: 01 nov. 2015 às 19:01.

CONSEA; **Os impactos do agrotóxicos na Segurança Alimentar e Nutricional: Contribuições do Consea**; Brasília 2012. Disponível em: <<http://antigo.contraosagrototoxicos.org/index.php/materiais/relatorios/os-impactos-dos-agrototoxicos-na-seguranca-alimentar-e-nutricional-contribuicoes-do-consea/download>>. Acesso em 27 de mar de 2017 às 20:00.

CONTERATO, Marcelo Antonio; GAZOLLA, Marcio; SCHNEIDER, Sergio: A dinâmica agrícola do desenvolvimento da agricultura familiar no alto uruguai/RS: suas metamorfoses e reações locais. In: SABOURIN, E. e TONNEAU, J.P. (Org.). **Agricultura familiar: interação entre políticas públicas e dinâmicas locais**. 1 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, v. 1, p. 47-60.

COSTA; Chaves Thalles; **O Ator Antropólogo - a observação participante como ferramenta do ator para a construção do personagem**. Disponível em <<http://www.uern.br/encope/resumos/arquivos/2013.htm>> Acesso em 25 de jun 2016.

CURADO, Fleury Fernando; TAVARES, Edson Diogo; **Agroecologia: Abordagens na busca da autonomia do campesinato brasileiro**. Ciência e Cultura versão On-line ISSN 2317-6660. Cienc. Cult. vol.69 no.2 São Paulo abr./jun. 2017 Disponível em: <[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_issuetoc&pid=0009-672520170002&lng=pt&nrm=iso](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0009-672520170002&lng=pt&nrm=iso)> Acesso em: 13 de nov. de 2017.

DAROLT, Moacir Roberto; Circuitos curtos de comercialização de alimentos ecológicos: reconectando produtores e consumidores IN: **Agroecologia : práticas,**

mercados e políticas para uma nova agricultura / organizadores Paulo André Niederle, Luciano de Almeida, Fabiane Machado Vezzani.— Curitiba : Kairós, 2013. 393 p.

DAROLT, Moacir; Comparação entre a qualidade do alimento orgânico e a do convencional; IN. **Alimentos orgânicos: produção, tecnologia e certificação**. Viçosa: UFV, 2003. 452p.

ECOVIDA; **CADERNO de formação: certificação participativa de produtos ecológicos**. Florianópolis: Rede Ecovida de Agroecologia, 2004, 48 p.

ENGELMANN, Mara I.; **Análise de impacto da certificação orgânica desde uma perspectiva socioeconômica: caso agricultores familiares da rede ecovida de foz do iguaçu, paraná**. Foz do Iguaçu, 2015.

FERREIRA; Angela Duarte Damasceno; BRANDENBURG; Alfio; RODRIGUES; Almir Sandro; SANTOS; Eduardo Britto; PINHEIRO; Gustavo; SILVA; Osvaldo Heller da; **Resistência e empoderamento no mundo rural**; *Estud.soc.agric*, Rio de Janeiro, vol. 15, no. 1, 2007: 123-159.

HALL, Stuart; Identidade Cultural na Pós-modernidade - p. 07-22. IN: **A Identidade em Questão**; Disponível em: <<http://www.angelfire.com/sk/holgonsi/hall1.html>> Acesso em: 17 de nov. 2017 às 21:00.

HALL, Stuart. A identidade em questão IN: **Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

ISSBERNER, R, L. **Informação e conhecimento para o desenvolvimento sustentado em pequenas comunidades: a certificação de produtos para mercados alternativos**. IX ENANCIB. USP 2008. Disponível em: <<http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/ixenancib/paper/view/3070/2196>> Acesso em 25 de julho de 2016.

LAMARCHE, H. **A agricultura familiar: comparação internacional**. Campinas, SP: UNICAMP, 1993.

MEDAETS, Jean P. P; MEDEIROS, Josemar X; **A ação coletiva no controle da qualidade da produção orgânica familiar: análise comparativa entre a certificação por auditoria externa e a certificação participativa em rede**. Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/12/07O067.pdf>>, Acesso em 25 de jun 2016.

MEIRELLES, Laércio; **Agroecologia, Mercados Locais e Soberania Alimentar**. Disponível em: <[http://www.centroecologico.org.br/artigo\\_download.php?id\\_artigo=13&tipo=pdf](http://www.centroecologico.org.br/artigo_download.php?id_artigo=13&tipo=pdf)>. Acesso em: 30 out. 2015 às 14:00.

MENASCHE, Renata; ALVAREZ, Marcelo; COLLAÇO, Janice; **Alimentação e cultura em suas múltiplas dimensões**; Diálogos latino-americanos. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2012, pp. 7-25.

MATTEDI, Cécile R.; A Construção social do mercado em Durkheim e Weber: análise do papel das instituições na sociologia econômica clássica; **Revista Brasileira de Ciências Sociais** - Vol. 20 Nº 57 fevereiro 2005.

MEIRELLES, Laércio; **Soberania Alimentar, agroecologia e mercados locais**. Agriculturas - v. 1 - no 0 - setembro de 2004

MATTEDI, Cécile R.; A Construção social do mercado em Durkheim e Weber: análise do papel das instituições na sociologia econômica clássica; **Revista Brasileira de Ciências Sociais** - Vol. 20 Nº 57. fevereiro 2005.

MEDEIROS, Monique; MARQUES, Flávia Charão; **Dois mundos, duas linguagens: os processos de mediação social e a diversidade de conhecimentos na construção de projetos para o desenvolvimento rural**; R. Inter. Interdisc. INTERthesis, Florianópolis, v.9, n.1, p.243-259, Jan./Jul. 2012.

MENDES, Jefferson Marcel Gross; Dimensões da sustentabilidade **Revista das Faculdades Santa Cruz**, v. 7, n. 2, julho/dezembro 2009. Disponível em: <<http://www.santacruz.br/v4/download/revista-academica/13/cap5.pdf>>. Acesso em: 18 de abr. 2017 às 15:00.

MOLINA, Manuel González; Las experiencias agroecológicas y su incidencia en el desarrollo rural sostenible. La necesidad de una agroecológica política. IN: **Agroecologia e os desafios de transição agroecológica**/ SAUER, Sérgio e BALESTRO, V. Moisés (orgs)- 2. Ed.-São Paulo: Expressão Popular, 2013. 328p.

NAVARRO, Zander; Desenvolvimento rural no Brasil: os limites do passado e os caminhos do futuro; **ESTUDOS AVANÇADOS** 15 (43), 2001. Estud. av. vol.15 no.43 São Paulo Sept./Dec. 2001. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142001000300009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142001000300009)> Acesso em: 24 de out. 2017.

NIEDERLE, Paulo A.; MARQUES, Flávia Charão; Produção ecológica de mercados. IN: **Construção de mercados e agricultura familiar: desafios para o desenvolvimento rural**/ organizadores Flávia C. Marques, Marcelo A. Conterato e Sérgio Schneider. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 2016. 416 p.

NIEDERLE, A, P. Delimitando as Fronteiras Entre Mercados Convencionais e Alternativos para a Agricultura Familiar. **Revista Extensão Rural**, DEAER/PPGExR – CCR – UFSM, Ano XVI, nº 18, Jul – Dez de 2009; Disponível em: <http://w3.ufsm.br/extensaorural/art1ed18.pdf>. Acesso em 25 de julho de 2016.

ONU BRASIL; **Conheça os novos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU**; Disponível em <<https://nacoesunidas.org/conheca-os-novos-17-objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel-da-onu>> Acesso em 25 de jun 2016.

OLIVEIRA, Otávio J.; **Gestão da Qualidade: tópicos avançados**; IN: Cap. I Gestão da Qualidade: Introdução à história e fundamentos; 2003, 243 p.

PASSOS, Marcelo; ISAGUIRRE-TORRES, Katya R.; Certificação na prática: a rede ecovida e os desafios da implementação de sistemas participativos de garantia; IN: **Agroecologia: práticas, mercados e políticas para uma nova agricultura** / organizadores Paulo André Niederle, Luciano de Almeida, Fabiane Machado Vezzani.— Curitiba : Kairós, 2013. 393 p.

PETERSEN, Paulo; Agroecologia e a superação do paradigma da modernização. IN: **Agroecologia: práticas, mercados e políticas para uma nova agricultura** / organizadores Paulo André Niederle, Luciano de Almeida, Fabiane Machado Vezzani.— Curitiba : Kairós, 2013. 393 p.

PENTEADO, Claudio L. de C.; FORTUNATO, Ivan; Crise ambiental e percepção: fragmentação ou complexidade?; **Rev. eletrônica Mestrado em Educação Ambiental**. ISSN 1517-1256, v. 24, janeiro a julho de 2010.

PORTILHO, Fátima; CASTAÑEDA, Marcel; CASTRO, Inês R. R. de; **A alimentação no contexto contemporâneo: consumo, ação política e sustentabilidade**; *Ciência & Saúde Coletiva*, 16(1):99-106, 2011.

PORTILHO, F. Novos atores no mercado: movimentos sociais econômicos e consumidores politizados. **Revista Política & Sociedade** - Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina – Vol. 8, nº 15, out. 2009. p.199-224

POULAIN, Jean-Pierre; PROENÇA, Rossana P. da Costa; O espaço social alimentar: um instrumento para o estudo dos modelos alimentares; **Revista de Nutrição**, Campinas, 16(3):245-256, jul./set., 2003.

PEREZ-CASSARINO, Julian; FERREIRA, Angela Duarte D.; Agroecologia, construção social de mercados e a constituição de sistemas agroalimentares alternativos: uma leitura a partir da rede ecovida de IN: **Agroecologia : práticas, mercados e políticas para uma nova agricultura** / organizadores Paulo André Niederle, Luciano de Almeida, Fabiane Machado Vezzani.— Curitiba : Kairós, 2013. 393 p.

PEREZ-CASSARINO, Julian; **A construção social de mecanismos alternativos de mercados no âmbito da Rede Ecovida de Agroecologia**;– Curitiba, 2012; 450 f. Disponível em: <<http://www.centroecologico.org.br/teses.php>> Acesso em: 04 nov. 2015 às 21:49.

ROVER, Oscar José; **Agroecologia, mercado e inovação social**: o caso da Rede Ecovida de Agroecologia. *Ciências Sociais Unisinos*, São Leopoldo, Vol. 47, N. 1, p. 56-63, jan/abr 2011.

SABOURIN, Eric; TERCEIRA PARTE: Os mecanismos de qualificação e certificação como interfaces entre reciprocidade e troca mercantil; p. 190/210 IN: CONTERATO; Marcelo Antonio [et al.] (Org); **Mercados e agricultura familiar: interfaces, conexões e conflitos**. – Porto Alegre: Via Sapiens, 2013. 358 p.: il. (Difusão IEPE/UFRGS).

SABOURIN, Eric; A CONSTRUÇÃO SOCIAL DOS MECANISMOS DE QUALIFICAÇÃO E CERTIFICAÇÃO ENTRE RECIPROCIDADE E TROCA MERCANTIL. **REDD – Revista Espaço de Diálogo e Desconexão**, Araraquara, v. 4, n. 2, jan/jul. 2012.

SACHS, Ignacy. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond. 2002.

SACHS, Ignacy; Barricadas de ontem, campos de futuro; IN. Capítulo 19 de **A terceira margem. Em busca do ecodesenvolvimento**. São Paulo: Cia. Das Letras, 2009. p.334-54. Estudos Avançados 24 (68), 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v24n68/05.pdf>> Acesso em 23 jun. 2016 às 22:00.

SANTOS; Luiz Carlos Rebelatto dos; **Certificação participativa em rede: um processo de certificação adequado à agricultura familiar agroecológica no sul do brasil**; 2005.

SANTOS, Luiz C. R.; **Certificação participativa em rede: um processo de certificação adequado à agricultura familiar agroecológica no sul do brasil**; junho 2005.

SAQUET, Marcos Aurelio; **Por uma geografia de las territorialidades y las temporalidades: Uma concepción multidimensional orientada a la cooperación y el desarrollo territorial**. La Plata: Universidad Nacional de La Plata. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación. Biblioteca Humanidades; 36. (2015).

SCHMITT, Claudia Job; Transição agroecológica e desenvolvimento rural: um olhar a partir da experiência brasileira; IN: **Agroecologia e os desafios da transição agroecológica**; 2. ed-- São Paulo, Expressão Popular, 2013. 328p.

SCHNEIDER, Sérgio; **Tendências e temas dos estudos sobre desenvolvimento rural no Brasil**; 2007; Disponível em: <<http://portal.mda.gov.br/o/884942>> Acesso em 26 de ago de 2016, às 15h.

SCHNEIDER, Sérgio; **A diversidade da agricultura familiar**. 2 ed.- Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. 302 p.

SCHULTZ, Glauco; **Relações com o mercado e (re)construção das identidades socioprofissionais na agricultura orgânica** - Lajeado: Ed. UNIVATES, 2008. Disponível em: <[https://www.univates.br/editora-univates/media/publicacoes/pdf\\_54.pdf](https://www.univates.br/editora-univates/media/publicacoes/pdf_54.pdf)>. Acesso em: 7 nov. às 23:45.

SEPULCRI, Odílio; TRENTO, Edilson J.; **O mercado e a comercialização de produtos agrícolas** - Curitiba: Instituto Emater, 2010

SOUZA, Edson B. C.; GEMELLI, Vanderleia; Território, região e fronteira: análise geográfica integrada Brasil/Paraguai; IN: **Estudos Regionais estrutura, agentes e processos/** Organizado por Edson Belo Clemente de Souza. – Cascavel: EDUNIOESTE, 2012. 439 p.

VEIGA, José Eli da; Agricultura e sustentabilidade; **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, v.13, n.3, p.383-404, 1996.

WANDERLEY, Maria de N. B.; O agricultor familiar no Brasil: um ator social da construção do futuro; IN. PETERSEN, Paulo (org.) **Agricultura familiar camponesa na construção do futuro** - Rio de Janeiro: AS-PTA, 2009. Disponível em:

<[http://www.bibliotecadigital.abong.org.br/bitstream/handle/11465/373/ASPTA\\_agricultura\\_familiar\\_camponesa\\_constru%E7%E3o\\_futuro.pdf?sequence=1](http://www.bibliotecadigital.abong.org.br/bitstream/handle/11465/373/ASPTA_agricultura_familiar_camponesa_constru%E7%E3o_futuro.pdf?sequence=1)> Acesso em 26 de ago de 2016, às 15h.

WILKINSON, John; **Mercados, redes e valores**; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

## **ANEXOS**

ANEXO A – Questionário dos Consumidores.

### **UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL**

Questionário aplicado para obtenção de dados para o desenvolvimento de dissertação.

**Tema da dissertação:** A certificação orgânica como instrumento no acesso aos mercados pela agricultura familiar.

**Mestranda:** Mara Irene Engelmann

#### **1- Gênero \***

Masculino

Feminino

#### **2- Idade \***

Até 18 anos;

Entre 18 e 25 anos;

Entre 26 e 35 anos;

Entre 36 e 45 anos;

Entre 46 e 55 Anos;

Acima de 55 anos.

#### **3- Grau de Escolaridade \***

Analfabeto

Ensino Fundamental

Ensino Médio

Nível Técnico

Graduação

Especialização

Mestrado

Doutorado ou Pós-Doutorado

**4- Renda Mensal Bruta \***

- Até um Salário Mínimo (R\$ 937,00)
- Entre 01 e 03 Salários mínimos (Entre R\$ 938,00 e R\$ 2.811,00)
- Entre 03 e 06 Salários mínimos (Entre R\$ 2.812,00 e R\$ 5.622,00)
- Entre 06 e 10 Salários mínimos (Entre R\$ 5.623,00 e R\$ 9.370,00)
- Acima de 10 salários Mínimos (Acima de R\$ 9.371,00)

**5- Existem pesquisas que apontam que a maioria dos consumidores não sabem diferenciar um produto convencional de um produto orgânico. Você conhece os produtos orgânicos: \***

- Sim
- Não

**6- Você consome alimentos orgânicos? \***

- Sim
- Não

**7- Com que frequência você possui o hábito de consumir produtos orgânicos: \***

- Nunca
- Raramente
- Uma vez por semana
- Duas vezes por semana
- Na maior parte dos dias
- Todos os dias

**8- Qual desses alimentos orgânicos costuma consumir: \***

- Verdura e Legumes
- Frutas
- Bebidas (Chás, sucos)
- Carnes
- Não Consumo



**9- Indique o local que você compra os alimentos orgânicos: \***

- Feiras Livres
- Associações de Produtores
- Mercados/supermercados
- Lojas Especializadas
- Direto do Produtor
- Mercado municipal
- Tenho Produção Própria/Familiar
- Não Compro

Outro:

**10- Se você é consumidor de produtos orgânicos, indique qual o motivo que o levou a tomar esta decisão de consumo. Pode escolher mais do que uma alternativa. \***

- Por Iniciativa própria
- Por Prescrição médica
- Por hábito familiar
- Em função de Políticas públicas que incentivaram
- Porque os alimentos possuem mais nutrientes
- Para melhorar a qualidade de vida
- Porque é fácil adquirir esses produtos
- Ausência de Agrotóxicos

**11- Na sua opinião, indique em cada um dos fatores apresentados abaixo, o grau de importância para lhe estimular a consumir produtos orgânicos. Use a seguinte escala: (1) Não é importante, (2) Pouco Importante, (3) Indiferente, (4) Importante e (5) para Muito importante. \***

	1	2	3	4	5
Faz bem para a saúde					
Sabor do produto					
Aparência do produto					
Divulgação diferenciada dos produtos nos pontos de venda					
Embalagem padronizada					
Certificação do Produtor					
Identificação e rastreabilidade do produto					
Preço do produto					
Faz bem para a saúde.					
Sabor do produto					
Aparência do produto					
Divulgação diferenciada dos produtos nos pontos de venda					
Embalagem padronizada					
Certificação do Produtor					
Identificação e rastreabilidade do produto					
Preço do produto					

**12- Você acha que é justo pagar um preço maior para comprar produtos orgânicos? \***

O Não

O Sim

**13- Qual o percentual que você estaria disposto a pagar acima do preço de um produto convencional, quando adquire produtos orgânicos? (Responda de maneira quantitativa. Exemplo: 10%) \***

**14- Caso nunca consumiu produtos orgânicos, ou não consome diariamente, indique as principais barreiras ou dificuldades encontradas para não consumir produtos orgânicos: \***

- Falta de conhecimento sobre os produtos;
- Falta de interesse próprio;
- Dificuldade para identificar o produto quando não possui certificação;
- Dificil confiabilidade de que os produtos sejam orgânicos ;
- Qualidade inferior aos produtos convencionais ;
- Aparência inferior aos produtos convencionais ;
- Poucos benefícios para a saúde;
- Preço Elevado;
- Oferta irregular;
- Falta de estabelecimentos que vendam produtos orgânicos;
- Distância muito grande entre a residência e o local de venda.
- Não encontro barreiras ou dificuldades

Outro:

**15- Qual sua opinião sobre o consumo de alimentos orgânicos?**

## ANEXO B – Questionário dos Agricultores

### **UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL**

Questionário aplicado para obtenção de dados para o desenvolvimento de dissertação.

**Tema da dissertação:** A Rede Ecovida: Um estudo acerca do avanço da Agroecologia.

**Mestranda:** Mara Irene Engelmann

### **DADOS SOCIOECONÔMICOS**

#### **1. Dados do entrevistado**

Nome do entrevistado: .....

Grupo que participa:

Endereço:

Município:

Reside aqui há .....anos

Tornou-se agricultor autônomo em que ano?

A quanto anos mantém o sistema de produção atual?

Escolaridade:

#### **2. A começar pelos mais velhos, poderia nos fornecer algumas informações a respeito das outras pessoas que moram na casa:**

a) Nome

b) Parentesco

c) Ocupação principal

#### **3. Quanta terra própria possui?**

4. Utiliza terra de outras pessoas para a produção?

5. Trajetória do sistema produtivo da família – desde o início, destacando os principais passos e razões de cada fase, até chegar aos dias atuais no sistema agroecológico.

6. Quantos familiares trabalham na propriedade rural onde mora? Nº \_\_\_\_\_

7. Além da renda agrícola e/ou pecuária existem outras fontes de renda familiar (salário, aposentadoria, outras)?

#### CAMPO DA PRODUÇÃO E DAS TECNOLOGIAS UTILIZADAS

8. Quais são os produtos produzidos na propriedade que comercializa?

De origem animal: .....

De origem vegetal: .....

Outros: .....

9. O Senhor/a agrega valor aos seus produtos? Em quais produtos? Descreva os procedimentos básicos. Exemplo: se faz conservas e doces obtenha os processos básicos e tipo de infraestrutura – formal, informal etc.

10-Da sua produção, quanto você consome? Em porcentagem %. \_\_\_\_\_

( ) de 5% à 10%

( ) de 10% à 20%

( ) mais que 20%

11- Tem aumentado a produção nos últimos cinco anos?

( ) Sim Quanto? : \_\_\_\_\_

( ) Não

**12- Recebe ajuda com crédito?**

- a) Utiliza desde que ano ou não utiliza:
- b) Nos últimos cinco anos, utilizou quantas vezes:
- c) Finalidade (custeio/investimento/comercialização/bem-estar)
- d) Quais atividades são financiadas:
- e) Instituições financeiras:
- f) Nos próximos anos como pretende usar o crédito:

**13- Para viabilizar a produção agroecológica o Sr necessita contratar serviços de terceiros? Para quais atividades?****14- Houve diminuição dos custos de produção com a produção agroecológica?**

( ) nada ( ) pouco ( ) igual ( ) razoavelmente ( ) muito

**15- Quais foram as atividades que diminui os custos?****16- Depende de insumos externos à propriedade?**

( ) Sim ( ) Não

**17- O Sr poderia descrever as práticas realizadas na produção agroecológica?**

- a) Manejo (Manual/tração animal/mecânico) e preparo do solo (incluindo o número de preparo)
- b) Insumos utilizados
- c) Uso ou não de adubação verde
- d) Forma de plantio
- e) Controle de pragas e doenças
- f) Modo de fazer a colheita

**18- O Sr ou alguém da família fez curso de capacitação: Quais? Onde? Quantas horas?**

**19- O Sr recebe serviços de assistência técnica? De quem? Com qual periodicidade?**

**20- Onde costuma buscar informação para qualificar-se ou atualizar-se?**

REVISTAS

JORNAIS

INTERNET

REUNIÕES DO GRUPO

TELEVISÃO

RÁDIO

**21- Preferencialmente que tipo de conhecimentos o sr busca nesses meios de comunicação? Com que frequência?**

**22- O Sr participa em eventos técnicos (cursos, dias de campo, palestras, exposições) para qualificar-se profissionalmente? Que áreas de conhecimento são priorizadas?**

**23- A maior parte dos alimentos consumidos pela família vêm de onde?**

SUPERMERCADO

PROPRIEDADE

### **CAMPO DA CERTIFICAÇÃO**

**24- A quanto tempo está certificado?**

Alguns meses  Entre um ano a dois anos  Mais que dois anos

**25- Pode nos relatar os passos (Trajetória) da família para obter a certificação (busque o máximo de elementos – como foi? O que teve que fazer? Tempo que demorou? Outras questões incluindo o processo de capacitação.**

**26- Na sua opinião, houve as dificuldades para obter a certificação?**

( ) Sim ( ) não

**27- Se sim assinale quais foram:**

( ) Problemas econômicos

( ) Sociais (familiares)

( ) De produção

( ) Problemas com agrotóxico

( ) Outros: quais? \_\_\_\_\_

### **CAMPO DOS MERCADOS**

**28- Mantém contato com mercados locais?**

( ) Sim ( ) Não.

**29- Quantas vezes por semana?**

( ) Uma vez ( ) Duas vezes ( ) Mais que duas vezes por semana

**30- Houve ou existe mudanças em relação à adaptação a exigências do mercado?**

( ) Sim ( ) Não

Quais: \_\_\_\_\_

**31- Para que mercados, estabelecimentos vende seus produtos?**

( ) Feiras

( ) Supermercados varejista

( ) Supermercados atacadistas

( ) Mercearias.

( ) Mercado institucional

( ) Outros: quais? \_\_\_\_\_

**32- Houve agregação de novos clientes?**

( ) Sim ( ) Não Se houve: Quantos? \_\_\_\_\_



**33- Sobre a comercialização dos produtos, existe problemas? Se existe problemas, aponte quais:.....Na sua opinião o que poderia melhorar?**

**34- Sobre a demanda de produtos agroecológicos, a mesma tem aumentado ou diminuído nos últimos cinco anos?**

aumentou

diminuiu

**35- A renda obtida com a produção agroecológica aumentou?**

**De uma escala de 1 a 5, quanto aumentou: 1= nada 2= muito pouco 3= igual 4= razoavelmente 5= muito**

Nada  Muito pouco  Igual  Razoavelmente  Muito

**36- Podes nos dizer em salários mínimos qual é sua renda bruta hoje?**

**37- A certificação ajudou a aumentar o valor do produto que vende? Assinale:**

nada  pouco  igual  razoavelmente  muito

**38- Sobre a comercialização dos produtos agroecológicos serem certificados, existem vantagens ou desvantagens?**

**Quais:** \_\_\_\_\_

#### **CAMPO DA PERCEPÇÃO DO ENTREVISTADO:**

**39- Na sua opinião, a agroecologia consegue se expandir na sociedade?**

Sim  não

**40- O Sr/a pode nos dizer as razões?**

**41- O que pensa que poderia ser melhorado em relação a produção agroecológica, para sua expansão?**

**42- Numa perspectiva social, sente que sua qualidade de vida melhorou ao adotar a produção agroecológica?**

nada  pouco  igual  razoavelmente  muito

**43- Em relação a produção agroecológica de diversos produtos, a mesma auxilia para garantir a renda?**

nada  pouco  igual  razoavelmente  muito

**44- Em relação a produção de alimentos no sistema agroecológico versus a demanda, o que acredita influenciar para produzir em maior quantidade?**

- mão de obra
- falta de tecnologia
- questões climáticas
- Todas as alternativas

**45- Em relação ao comportamento do consumidor em relação ao consumo de alimentos agroecológicos, acredita que isso poderia influenciar na expansão da agroecologia?**

- nada
- pouco
- muito

**46- No modelo agroecológico acredita que a organização logística para a comercialização dos produtos prejudica sua expansão?**

- não prejudica
- prejudica um pouco
- prejudica muito

**47- Você considera a falta de tecnologia, voltada a agroecologia um problema para sua expansão na sociedade?**

- Concordo  Não concordo

**48- Acredita que o modelo agroecológico poderá alimentar o mundo?**

( ) Sim ( ) Não

Comente:

**49- Quais dos itens abaixo acredita mais influenciar dificultar a disseminação do modelo agroecológico:**

( ) Falta de mão de obra

( ) A globalização estimulando o modelo agroalimentar capitalista

( ) O comportamento alimentar dos consumidores

( ) questões climáticas

( ) tecnologia escassa

( ) Todas as alternativas

**50- O Sr pratica alguma forma de ajuda mútua (associativismo) com outros agricultores em sua comunidade e vizinhança?**

**51- Qual é a importância da Rede e do Núcleo para o Sr? Comente um pouco. De uma escala de 0 a 5 assinale a importância do grupo.**

( ) 0

( ) 1

( ) 2

( ) 3

( ) 4

( ) 5

**52- O Sr pretende fazer algum investimento em outras atividades além das que vem desenvolvendo? Se sim, em quê e por qual razão?**

**53- Em sua opinião, o que está faltando para melhorar a produção e a vida familiar em seu estabelecimento?**

**54- Para o Sr, as políticas de governo estão contribuindo (ou não) para o processo de produção? Em quais aspectos?**

**55- Onde o senhor preferiria que seus filhos vivessem?**

( ) Cidade ( ) Zona rural

**56- Qual a mudança que mais lhe chamou a atenção nos últimos 5 anos em seu estabelecimento familiar?**